

FERNANDA MENDES VIEGAS

**DA *REALIDADE* À MULTIMÍDIA: TRANSFORMAÇÕES NA  
REPORTAGEM E NO TRABALHO DO REPÓRTER**

Viçosa – MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2010

FERNANDA MENDES VIEGAS

**DA REALIDADE À MULTIMÍDIA: TRANSFORMAÇÕES NA  
REPORTAGEM E NO TRABALHO DO REPÓRTER**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Carlos Frederico de Brito d'Andréa

Viçosa – MG  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV  
2010



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Da Realidade à multimídia: transformações na reportagem e no trabalho do repórter*, de autoria da estudante Fernanda Mendes Viegas, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes avaliadores:

---

Prof. Ms. Carlos Frederico de Brito d'Andrea – Orientador  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

---

Jornalista José Paulo Martins  
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

---

Profa. Ms. Joana Ziller – UFOP  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFOP

Viçosa, 19 de novembro de 2010

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Helvecio e Simone, pela vida e pela criação.

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigada meu Senhor e meu Deus por iluminar o meu caminho. Obrigada por sempre estar comigo em seus braços, mesmo quando eu não olhava para o céu. Obrigada Papai do céu por ter me permitido estar em Viçosa e por aqui, aprender a valorizar ainda mais a minha família e amigos. Honras e glórias sejam dadas a ti pela minha vitória.

Agradeço aos meus amados pais pela confiança, pela benção e pelo amor incondicional. Obrigada por sempre estarem lutando junto comigo e para mim.

Ao meu querido Dengo, pela paciência sempre presente, pelo amor, carinho e alegria dedicados a mim em todos esses anos.

Aos meus fiéis amigos que sempre estiveram na torcida. Aos novos amigos feitos em Minas Gerais, pela companhia e pelo aprendizado.

Aos meus familiares pela ajuda e bons votos.

Agradeço também ao meu orientador Carlos d'Andrea por ter apostado no meu tema para esta pesquisa, pela dedicada atenção e pelas discussões sempre proveitosas.

O meu obrigado a todos aqueles que nesses quatro anos contribuíram com sorrisos e abraços, na intenção de ver crescer.

## EPÍGRAFE

*Vale a pena ser jornalista? Vale se tivermos ânimo para ultrapassar as fronteiras proibidas, fronteiras bloqueadas pela censura, pela ignorância, pela mentira. Vale se tivermos os olhos bem atentos, para ver o delicado, o diferente, o invisível. É preciso coragem para se comprometer, para dizer o que se vê e o que se sente, sem medos nem manuais. Só vale a pena ser jornalista se for – como cantou Torquato Neto – para “desafinar o coro dos contentes”.*

Fernando Evangelista  
Jornalista

(Revista Caros Amigos - edição 117, dezembro de 2006)

## **RESUMO**

Este estudo faz uma comparação de épocas distintas do jornalismo nacional, com a intenção de verificar transformações na reportagem e no trabalho do repórter em função de mudanças no contexto social, nas condições de trabalho e a partir do desenvolvimento das novas tecnologias. Perspectivas “românticas” e pessimistas quanto ao trabalho do repórter e manutenção da reportagem se polarizam na tentativa de uma caracterização feita ao longo do trabalho. A pesquisa realiza uma contextualização de dois períodos: os anos 1960, marcado, ao mesmo tempo, pela consolidação do processo industrial nas redações jornalísticas e pela implementação de um estilo mais livre na construção da reportagem, conhecido como “novo jornalismo”, e os anos 2000, caracterizado pelo fortalecimento da internet, que trouxe novas possibilidades de narrativas multimídia. O objetivo da pesquisa é compreender as mudanças ocorridas no trabalho desempenhado pelo repórter a partir do entendimento sobre a profissão por repórteres de dois veículos representativos: a revista *Realidade*, considerada um marco da reportagem impressa no Brasil, e a seção *Especiais* do portal *JC Online*, que vem se destacando na produção de reportagens multimídia. Além disso, procuramos entender o contexto onde se insere esse profissional e analisar o conceito de reportagem. Para tanto, entrevistamos um ex-repórter da revista *Realidade*, José Carlos Marão e duas jornalistas do portal *JC Online*, Julliana de Melo e Inês Calado. A partir dos discursos deles, fizemos ainda uma observação de algumas reportagens já publicadas pelos veículos. As entrevistas nos permitiram observar o modo como a narrativa textual é construída, bem como perceber como o repórter se mostra na reportagem e a maneira como as reportagens são estruturadas. Outra verificação é o aumento das exigências técnicas para atuar com a multimídia. A reportagem multimídia se sobrepõe à instantaneidade tão característica do meio online e se estabelece como tendência do jornalismo na atualidade.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Reportagem; repórter; Realidade; JC Online; jornalismo.

## **ABSTRACT**

This study makes a comparison between two different times of national journalism, with the intention to check changes within news stories and reporters' performances due to changes in the social context, working conditions and from the development of new technologies. "Romantic" and pessimistic perspectives regarding the reporter's work and maintenance of news stories in an attempt to polarize a characterization made throughout this work. The research carries out a contextualization of two periods: the 1960's, marked, at the same time, the by consolidation of the industrial process in newspaper newsrooms and the implementation of a freer style in the construction of the story, known as "new journalism", and the 2000's, characterized by the strengthening of the Internet, which has brought new opportunities for multimedia narratives. The objective of this research is to understand the changes in the work performed by reporters from the understanding of the profession by the reporters from two representative media: the *Realidade* magazine, considered to be a cornerstone of the news stories printed in Brazil, and the section *Especiais* of the portal *JC Online*, which has stood out in the production of multimedia stories. Furthermore, we try to understand the context in which this professional is in and analyze the concept of news stories. To do so, we interviewed a former reporter from *Realidade* magazine, José Carlos Marão and two current journalists from portal *JC Online*, Julliana de Melo e Inês Calado. From their speeches, we also observed a few news stories already published by these two media. The interviews made it possible for us to observe how the textual narrative is constructed, as well as understand how the reporter is shown in the story and the way stories are structured. Another check is the increase the technical requirements to act as "multimediality". The multimedia news stories overlap the immediacy so characteristic the online medium and establish itself as a tendency of journalism today.

## **KEY-WORDS**

New stories; reporter; Realidade; JC Online; journalism.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Capa da revista <i>Realidade</i> (10ª edição).....	27
Figura 02 – <i>Home</i> da seção <i>Especiais</i> do portal <i>JC Online</i> .....	36
Figura 03 – Reportagem <i>Nasceu!</i> da revista <i>Realidade</i> (1967).....	42
Figura 04 – Reportagem <i>Três histórias de desquite</i> da revista <i>Realidade</i> (1967).....	43
Figura 05 – Ensaio fotográfico <i>O amor mais amor</i> da revista <i>Realidade</i> (1967).....	45
Figura 06 – Ensaio fotográfico <i>O amor mais amor</i> da revista <i>Realidade</i> (1967).....	46
Figura 07 – Reportagem multimídia <i>A viagem de Joanda</i> do <i>JC Online</i> .....	49
Figura 08 – Reportagem multimídia <i>A Revolução das bicicletas</i> do <i>JC Online</i> .....	50
Figura 09 – Reportagem multimídia <i>Longe da casinha de boneca</i> do <i>JC Online</i> .....	52
Figura 10 – Reportagem multimídia <i>E o verbo se fez vida</i> do <i>JC Online</i> .....	53

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – EM BUSCA DA REPORTAGEM E DO REPÓRTER</b> .....	15
1.1 Jornalismo na contemporaneidade.....	19
<b>CAPÍTULO 2 – DO IMPRESSO À MULTIMÍDIA</b> .....	23
2.1 Anos 1960 e o novo jornalismo.....	23
2.2 Revista <i>Realidade</i> : o repórter como personagem.....	25
2.3 A reportagem na era multimídia.....	29
2.4 <i>JC Online</i> e os <i>Especiais</i> .....	35
<b>CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	37
3.1 Apresentação dos dados.....	40
3.1.1 Um repórter de <i>Realidade</i> .....	40
3.1.2 Repórteres multimídia.....	46
3.2 Análise dos dados.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	60
<b>ANEXOS</b> .....	63
1. Roteiro das entrevistas.....	63
2. Roteiro dos critérios de análise.....	65
3. Íntegra das entrevistas.....	66
3.1 José Carlos Marão.....	66
3.2 Julliana de Melo e Inês Calado.....	68
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	09

## INTRODUÇÃO

- Que café maravilhoso! Hum... Hoje é um bom dia para descansar.

Várias vozes. Pessoas gritam.

- Meu Deus! Está pegando fogo... Vai desabar... Socorrooooo!

Ele chega da janela do seu pequeno apartamento e vê o incêndio. Sem pensar duas vezes, sai correndo. De repente, pelo céu, aparece um homem voando. Ele usa roupas com as cores vermelho e azul.

- Graças a Deus, o Super-Homem chegou! - Fala aliviada, uma senhora.

- Obrigada Super-Homem! Obrigada Super-Homem! – A mãe recebe o seu filho nos braços e agradece aos prantos.

- Mais uma missão cumprida. Por hoje, sobrevivemos. – É o que pensa o altruísta incansável.

Trim, trim... o telefone toca.

- Alô. Oi Lois. O Incêndio? Vi sim. Estava saindo de casa agora para ir lá cobrir. Pode deixar.

Nos vemos no jornal.

O diálogo acima foi criado pela autora deste trabalho, mas poderia ser uma cena do filme do Super-Homem. Na ficção, em alguns momentos, a rotina de “porta de cadeia” do repórter Clark Kent é transformada por grandes acontecimentos, onde o super-herói aparece. A reportagem, o ápice da produção jornalística, seria o fruto desses eventos de relevância social, que permite destaque ao profissional, extrapolando ao cotidiano de notícias e produção de notas. E por isso, é muito comum a relação do ofício do jornalista com heróis.

As transformações sociais, culturais, econômicas e, principalmente, políticas, sem contestação alguma, influenciam em possíveis concepções feitas e executadas por um jornalista. Além desse fator, há também o desenvolvimento tecnológico que nesses anos, entre o nascimento e produção de jornais e revistas impressos para o surgimento de portais e sites na internet, foi expressivo.

O ambiente de trabalho e a concepção de quem é esse profissional são alterações que não passam despercebidas nem pela categoria e nem pela sociedade. As grandes redações, com muitas pessoas trabalhando em máquinas barulhentas e muita fumaça de cigarro no ar, foram transformadas em pequenas salas com computadores, onde as pessoas falam com

outras a distância (ao celular) e ao mesmo tempo, editam fotos, áudios, vídeos e elaboram textos.

A reportagem, sendo a especialidade do repórter, acompanha essas modificações. Se no começo ela era uma discussão ampla sobre algum fato, uma construção que era conduzida por um único caminho, agora ela é, ao mesmo tempo, várias narrativas, que são independentes e ao mesmo tempo se complementam, devido à hipertextualidade. A tendência ao visual que teve início com a fotografia se expande para as imagens em movimento. É necessário que todos os sentidos sejam estimulados no mesmo momento para prender a atenção.

Faz-se necessário ao estudo do jornalismo atentar para as variações sofridas pela atividade do repórter com o passar do tempo, pelas inovações tecnológicas e pela maneira em que o jornalismo se estabelece na sociedade a cada modificação desta. Compreender as alterações vivenciadas pelos repórteres é uma forma de perceber como o jornalismo e sua função social ganharam novas roupagens, bem como de permitir o entendimento do valor que a informação passa a ter.

O objetivo da pesquisa é compreender, a partir da análise das falas de um ex-repórter da revista *Realidade* e de duas repórteres do *JC Online*, juntamente com a consulta a reportagens publicadas pelos dois veículos, as mudanças ocorridas na construção das reportagens e no trabalho do repórter nos anos 60 e na atualidade.

A intenção é entender: a apuração e a produção do conteúdo jornalístico sofreram alterações com a produção de grandes reportagens? Como a função do repórter se modificou?

Além disso, pretendemos apontar as diferenças do trabalho jornalístico desempenhado pelo repórter, devido às modificações proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico; entender o contexto de atuação dos profissionais, tanto na mídia impressa quanto no *webjornalismo* e analisar o conceito de reportagem presente na publicação impressa e na multimídia.

Também, justifica-se o estudo centrado na reportagem e no repórter por esse exercício “heróico” que desempenhava, principalmente no campo político, e que atualmente vai perdendo esta valorização.

Os objetos, para tanto, são os repórteres e as reportagens da revista *Realidade* e a seção *Especiais* do portal jornalístico *JC Online*. A partir de entrevistas com os profissionais, observamos reportagens já publicadas na intenção de perceber como a construção textual é feita, o modo como o repórter aparece na reportagem e como esta é estruturada.

A revista *Realidade* foi uma produção da editora Abril que circulou por dez anos (de 1966 a 1976) e teve muita importância no período da Ditadura Militar (tendo inclusive um exemplar censurado). Era um veículo composto exclusivamente por reportagens e é considerada por renomados repórteres brasileiros uma publicação de referência, em termos de qualidade jornalística.

O portal *JC Online* realiza reportagens multimídia, prática ainda recente entre os veículos de comunicação na internet. Em um mesmo ambiente emprega a interatividade e a multimídia, como elementos centrais e específicos do meio. As reportagens são pensadas e construídas com a finalidade jornalística, buscando contemplar as mais variadas angulações sobre o tema, e ressalta peculiaridades e tendências da maneira de se construir a narrativa (que é complexa pelas várias possibilidades permitidas pela hipertextualidade) e atender a um público diverso.

Esse material é representativo – por ser uma revista que foi marco no jornalismo nacional, pela proposta de inovação editorial que lançou com a narrativa livre, e um portal que vem se destacando na produção de reportagens multimídia – e permite a realização de análises quanto à participação do repórter responsável nas etapas que se sucederam para a finalização do material. No entanto, por se tratar de períodos temporais diferenciados, o entendimento do que se relaciona aos momentos retratados (contexto) torna-se imprescindível.

A configuração da profissão e sua inserção na sociedade, portanto, tiveram os seus espaços visualizados de maneira a se entender qual o valor recebido hoje pelo modo como atua.

No primeiro capítulo fazemos uma contextualização sobre como é o trabalho do repórter na imprensa brasileira e apresentamos as principais conceituações sobre reportagem, além de destacar as suas principais características. Comparamos autores acadêmicos com aqueles que possuem experiência de mercado na área.

Em seguida, discutimos as peculiaridades da reportagem impressa nas décadas de 60 e 70 e suas influências, debatendo assuntos como o novo jornalismo, o jornalismo literário e a técnica do lead. Também, nesta segunda parte falamos sobre o jornalismo da contemporaneidade e as novidades proporcionadas pela internet ao jornalismo, como a reportagem multimídia. Ainda, apresentamos os nossos objetos de estudo, revista *Realidade* e portal *JC Online*, buscando entender os períodos nos quais estão inseridos.

Como método de análise, utilizamos a entrevista por entender que o repórter é a fonte que mais possui conhecimento sobre a função que realiza. Ainda, essa técnica nos permite a

percepção quanto à opinião do entrevistado sobre o contexto no qual está inserida sua produção jornalística, como explicamos no capítulo 3.

A análise dos dados foi feita a partir de uma compilação das informações transmitidas pelos entrevistados, observação e citação de reportagens já realizadas pelos veículos em questão e discussão das informações levantadas pela pesquisa com os autores utilizados na construção teórica referencial.

Nas considerações finais são apontados os caminhos percorridos pela pesquisa e suas possíveis conclusões, sem desconsiderar as nossas limitações para a realização do trabalho, bem como as dificuldades encontradas no desenrolar do estudo.

## CAPÍTULO 1 – EM BUSCA DA REPORTAGEM E DO REPÓRTER

Repórter é aquele que reporta. No dicionário proposto por Nilson Lage (2003), repórter é o “jornalista que apura e redige notícias e reportagens”. Para os leigos, pode até ser que pensem que tudo o que eles dizem não passa de uma simples e fria transmissão das informações sobre um fato. Porém, para aqueles que o exercem ou já o fizeram é muito mais do que o ato de construir conteúdo por meio de um levantamento de dados: “a identidade do jornalista se forma a partir da profissão e resulta de algo mais complexo do que seu simples exercício” (TRAVANCAS, 1993, p. 108).

A matéria-prima desse profissional é a informação. Produto de interesse social amplo e de consumo necessário. Para conhecê-la, o repórter acaba por se descobrir como dinâmico, curioso, criativo, inconveniente e tantas outras coisas. Tudo para fazer uma boa reportagem. De preferência, conseguir a capa, ganhar mais espaço para a reportagem nos telejornais e radiojornais ou ter destaque na *home* do portal.

Reportagem não é simplesmente uma notícia grande. O texto se faz extenso pela grande quantidade de informações agrupadas, pelo detalhamento e investigação de uma situação em seus mais variados ângulos. É a essência do trabalho do repórter, do seu trato com as notícias, da sua vivência nas ruas em contato com a população.

Na intenção de diferenciar notícia de reportagem, Nilson Lage (2003) explica que enquanto a primeira é a cobertura de um determinado fato ou de fatos, a outra é uma produção planejada com as escolhas das angulações a serem abordadas. A reportagem acaba por ser os desdobramentos e uma ampla contextualização dos assuntos que se relacionam ao ocorrido.

Seguindo essa mesma linha, Ricardo Kotscho (2005), ao falar sobre a prática do repórter, expõe que a reportagem busca explorar os assuntos em profundidade, abarcando o máximo de informações e correlações sobre o fato. Para ele, o que identifica a (grande) reportagem é que ela poderia se tornar um livro pela riqueza da apuração e pelo tratamento único que é dado a cada história.

Para se chegar ao produto final – a reportagem – a apuração é intensa. Encontrar as fontes, obter as informações, levantar os dados, relacionar os temas, contextualizar o assunto no tempo e no espaço, levar em conta o interesse do público e do veículo de comunicação, colher sonoras, fotografar, filmar, anotar, ligar, viajar, correlacionar todo o conteúdo e escrever.

O processo de construção de uma reportagem tem início com a reunião de pauta. Após a escolha do(s) assunto(s) a ser(em) abordado(s), pensa-se nas possíveis fontes e realiza-se pesquisa para encontrar informações sobre o tema. O trabalho de apuração, contudo, é permanente para que os dados fornecidos aos receptores sejam os mais completos e de acordo com o acontecimento. “A essência do trabalho do repórter é contar tudo o que aconteceu, não parando de garimpar a informação enquanto ele próprio não estiver absolutamente seguro sobre todos os fatos que colocará no papel” (KOTSCHO, 2005, p. 25).

Com o objetivo de direcionar o trabalho do repórter de modo a guiar a produção, a pauta não é entendida como benéfica por muitos estudiosos e profissionais. Noblat (2008) considera que o *lead* e a pauta são instrumentos de inibição à criatividade dos repórteres. É sempre a mesma coisa. O fato apurado pode ser de pouca ou de muita repercussão, que o repórter deve responder as seis perguntas básicas no primeiro parágrafo. O texto fica engessado. E o gesso não começa a ser colocado no momento da escrita da matéria. Esse processo tem início com a pauta. O que era para auxiliar o repórter, dando a ele um norte para o início de sua cobertura e uma forma de os donos dos veículos saberem o que os seus funcionários estão produzindo, acabou por definir o que deve ser feito sem dar brechas para a inserção da visão privilegiada do repórter.

Kotscho (2005) também possui uma visão negativa da pauta por considerar que ela faz com que o repórter se acomode, não buscando inovar. Para ele o ideal seria que o repórter tivesse a pauta como uma forma de organizar o que vai ser publicado, mas que tivesse em mente que “lugar de repórter é na rua” (KOTSCHO, 2005, p.12) e que neste local poderá encontrar muitas pautas ou até mesmo muitas opções de angulação para um mesmo assunto.

Com o repórter em campo, sendo “testemunha ocular da história” - como define Gilberto Dimenstein (1990) em “A aventura da reportagem” - a maneira de entender a situação que se vê vai depender muito das experiências desse profissional. Daí, a dificuldade em definir uma “fórmula” para o trabalho do repórter. Outra influência na atuação do repórter é a linha editorial do veículo para qual trabalha. Sem contar o perfil do público, que também precisa ser levado em consideração.

O modo como o repórter faz o recorte da realidade, no entender de Liráucio Girardi Junior (2000), ganha mais um diferencial dependendo da forma como os elementos da reportagem são agrupados e hierarquizados na página ou a ordem que aparecem no vídeo, por exemplo. Além dessas possibilidades, está a maneira como o conjunto – a reportagem pronta



– vai ser transmitida, já que o conteúdo agregado pode ser lido, ouvido, assistido e, mais recentemente, acessado.

Marília Scalzo (2004), ao falar do jornalismo de revista, explica que as características de cada mídia fornecem um tom diferencial ao teor jornalístico. Pode ser na qualidade das fotos impressas em papel de revista ou na possibilidade de interação com os infográficos da internet. Na objetividade e simplificação dos textos radiofônicos ou na escala coberta com imagens de um telejornal. Conhecendo bem as especificidades de cada veículo, pode-se explorar melhor o que cada um tem a oferecer.

Considerando esse processo de produção, contribuição e unicidade que cada redator fornece ao texto, as reportagens são feitas por meio de interpretação, já que a expressão jornalística nasce da construção discursiva sobre um tema. A parcialidade é intrínseca ao processo de produção.

Dessa maneira, uma reportagem deve abordar, além do fato em si, a repercussão e os desdobramentos do assunto, transformando os fatos em um tema e apontando conseqüências, uma vez que o resultado do trabalho do repórter está atrelado ao modo como ele entendeu a situação que narrou.

Com o tempo, a plataforma de publicação do material jornalístico se modifica, mas perdura a atuação do jornalista. A sociedade solidificou a imagem deste com o passar dos anos. As informações trazidas por este profissional e a possibilidade de recorrer à mídia para solucionar um problema, fizeram com que esta categoria conquistasse credibilidade e transmitisse uma imagem perspicaz e detentora das informações. Com o aumento significativo desses profissionais, foram surgindo caracterizações em decorrência de comportamentos repetidos por eles e percebidos pela sociedade. Como exemplo, podemos citar a figura do herói, daquele que luta pelos ideais de uma comunidade. Uma profissão que permite enfrentar os políticos e revelar corrupções.

O que o repórter faz não é simplesmente a descrição ‘objetiva’ dos acontecimentos do dia (anterior) na cidade. Ele pode se apresentar e se fazer representar, através do jornal, como uma espécie de ‘porta-voz’ da população ameaçada, um mediador entre a população e o poder público ou, de outra maneira, reforçar estereótipos, preconceitos a respeito do seu ‘objeto’ de reportagem (JUNIOR, 2000, p. 206).

O papel do jornalista, desse modo, é o de permitir que as pessoas conheçam mais de perto a informação em si mesma e seus desdobramentos. Cabe a ele transmitir dados corretos e cobrar das altas instâncias políticas mudanças, para valorizar o bem-estar social.

O lugar de fala ocupado pelo repórter permite a ele se comunicar utilizando-se de variados elementos. Um deles é a emoção. Ao narrar um acontecimento o repórter busca transmitir as sensações que está vivenciando. Dessa maneira, o interlocutor constrói a realidade que lhe foi contada com mais detalhes, o que confere ao repórter a credibilidade. A liberdade narrativa é outra característica da reportagem assumida pelos repórteres, principalmente, nas chamadas grandes reportagens (produções que pretendem esgotar um determinado assunto, agrupando os seus mais variados aspectos e personagens), nas quais o profissional “escolhe” a melhor maneira de passar o que constatou durante um ocorrido.

Lage (2003) explica que o estilo do texto da reportagem não apresenta muita rigidez, já que permite que as informações sejam narradas na ordem crescente ou decrescente de importância, no sentido cronológico ou não, pode ser pela visão de uma única fonte (narrar a percepção desta) e ainda, “em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu na primeira pessoa” (LAGE, 2003, p. 48).

A utilização de técnicas literárias também é uma maneira de tornar o texto jornalístico mais leve e, até mesmo, mais pessoal. Juarez Bahia (1990) considera que a aproximação entre o jornalismo e a literatura é uma abertura à criatividade e uma alternativa para expor os sentimentos vivenciados pelo jornalista na apuração de um fato.

O jornalismo é uma literatura sob pressão na medida em que o que dele permanece como literatura resulta de um exercício de criação – ainda que mais de transpiração do que de invenção, mas nem por isso desprovido de inspiração – sob a pressão do tempo, a pressão do espaço e a pressão das circunstâncias (BAHIA, 1990, p. 29).

Por outro lado, o autor acredita que a essência do jornalismo é “antiliterária na medida em que não pode alterar os fatos, como não deve ser prolixa, sob pena de distorcê-los ou descaracterizá-los” (BAHIA, 1990, p. 31). A liberdade na escrita, por meio da literatura, dá a reportagem uma maior abertura para a subjetividade.

Para utilizar bem as mais variadas ferramentas, sejam elas linguísticas, estilísticas ou práticas, o repórter deve pensar na reportagem como um conjunto de elementos, compreendendo, por exemplo, quais são as possibilidades de se narrar uma mesma história de modos diversos em um mesmo veículo. Scalzo (2004) diz que a complementação dos elementos é que forma e dá forma a uma reportagem.

Em se tratando do jornalismo de revista, a reportagem pode ser uma combinação entre textos, imagens, gráficos, quadros e ilustrações. Mas quando essa produção migra para o ambiente online, os elementos que compõem a reportagem são outros. Existe a semelhança de

reunir, texto, imagens, ilustrações, quadros e gráficos. Porém, com a plataforma virtual se têm alternativas, como o vídeo, o áudio e a interação do público. O presente trabalho pretende fazer um panorama desses dois meios de comunicação, escolhidos como objetos do estudo, para a análise e percepção das modificações no trabalho do repórter e da reportagem (fruto do trabalho deste profissional).

É válido ressaltar que parte dos autores acima citados, como Kotscho (2005) e Noblat (2008), são profissionais de referência na área de jornalismo e relatam suas próprias experiências como repórteres em seus livros e artigos. Por isso, mantêm claramente uma relação romântica com a profissão, expressando a própria valorização ao trabalho que realizam, demonstram possuir grande envolvimento com o que fazem e idealizam melhorias sociais por meio do ofício.

Aqueles que estudam a comunicação, por sua vez, contextualizam mais a situação em que se dá o fazer jornalístico. Acabam, por isso, sendo mais críticos quanto à atuação dos profissionais envolvidos nos processos e com o resultado das publicações.

Isadora Braga Camargos (2005) detalha em sua dissertação de mestrado, o processo de produção de uma reportagem, deixando claro que esta não é fruto do trabalho isolado do repórter. No mínimo, mais dois profissionais atuam para que toda uma padronização possa ser construída e o material se torne vendável: editor e diagramador. Dessa maneira, a autora ajuda a desmistificar a ideia do repórter como um ser “iluminado” ou “inspirado” por natureza. As informações produzidas pela mídia são o resultado do trabalho de uma equipe: a redação. “O repórter é uma peça fundamental de uma grande engrenagem que é a mídia. Ele sozinho não é capaz de fazer a máquina funcionar e a máquina, sem ele, também não funciona” (CAMARGOS, 2005, p. 98).

Os estudiosos, ainda, explicitam como o produto jornalístico se torna uma mercadoria, principalmente com o avanço tecnológico. Os acadêmicos ressaltam com veemência as questões capitalistas que imperam por trás de uma informação, como discutimos a seguir.

## **1.1 Jornalismo na contemporaneidade**

Algumas das críticas mais contundentes na atualidade provenientes das academias estão relacionadas com o cenário do avanço tecnológico e surgimento da possibilidade de novas ferramentas e canais para a comunicação.

Ciro Marcondes Filho (2009) assegura que o jornalismo entra em nova era com as novas tecnologias.

O caráter do jornalismo feito agora é claramente diferente daquele do século passado, a imprensa político-literária, ou o jornalismo do século XX, marcado por um grande desenvolvimento empresarial mais ainda acoplado à luta ideológica, à questão do firmar posições em relação aos pólos antagônicos da política: a esquerda e a direita. Na nova era, o jornalismo abandona totalmente esses critérios, métodos e formas de se fazer notícia e parte para um outro tipo de produção, agora organicamente coerente com este novo mundo (MARCONDES FILHO, 2009, p.156).

O autor aponta, ainda, as modificações no texto, na imagem, na prática jornalística e no processo de trabalho. Quanto à parte escrita, por exemplo, observa que se tornam mais enxutas, menos literárias e sem a linearidade discursiva das produções passadas. As fotos ganham mais espaço, para que se possa nutrir os anseios de um público que consome muitos vídeos e não desenvolve a afinidade com a leitura de longos textos. Marcondes Filho (2009) enfatiza que os impressos desse novo período se tornam mais um componente visual e estético do que conteúdo jornalístico.

Para Marcondes Filho (2009), na atualidade, o trabalho dos profissionais de mídia está preocupado com a construção plasticamente consumível e não com a elucidação real do acontecimento. Além disso, ele percebe que há uma crescente tendência ao reducionismo dos grandes temas cobertos pela mídia, como a economia, assim como analisa que os assuntos mais abordados estão próximos da realidade do público antes tratado com uma “massa”, ampliando o espaço do jornalismo regional e local. Uma maneira de entender esse grande público de modo mais específico, percebendo as diferenças entre os grupos e atendendo a demanda destes.

Além disso, em outro trabalho, Marcondes Filho (2002) discute o valor da informação para a sociedade. Para o autor, na contemporaneidade a informação é uma “mercadoria” que “passou a definir as novas regras econômicas e políticas” (MARCONDES FILHO, 2002, p.146). A relevância do que ele chama de “conteúdo abstrato” é decorrente da grande participação das pessoas nas internet, que fazem com que a informação circule mais e seja amplificada.

Nesse sentido, o autor começa a questionar o trabalho do jornalista. Até que ponto as informações produzidas pelos profissionais são confiáveis, ainda mais levando em consideração a rapidez com que os dados são atualizados na internet? Em contrapartida coloca

também em questão a capacidade dos usuários para, sozinhos, realizarem filtros sobre a gama de conteúdo disponível na rede.

Em consonância com Marcondes Filho está a pesquisadora Zélia Leal Adghirni. A autora discute as transformações da profissão, questionando a identidade real da categoria e o desaparecimento da apreciação social sobre a classe. Para ela, o que existe hoje é uma nostalgia sobre períodos áureos, nos quais a profissão e os produtos jornalísticos – lê-se jornais impressos – possuíam lugar de destaque na sociedade. “O que já temos como certeza é que ideia de o jornalismo romântico e boêmio, que marcou os primórdios da imprensa no Brasil, passando pelo jornalismo militante e libertário, estão definitivamente mortos e enterrados” (ADGHIRNI, 2005, p. 46).

Adghirni (2005) descreve o profissional da contemporaneidade como “híbrido” e não como “herói” social. “Ora atuando no campo das mídias ora servindo aos senhores do campo da comunicação” (ADGHIRNI, 2005, p. 47). Isso acomete porque a indústria cultural, segundo ela, separou o jornalista do empresário, e também desvinculou a imagem daquele dos ideais de democracia, justiça e liberdade. Hoje, caracteriza o jornalista como um “burocrata” que resume todo o seu trabalho ao computador, transformando-o na sua redação.

Ainda, Adghirni (2005) enfatiza a discussão sobre a posição que o jornalista assume hoje: ao lado da sociedade ou do sistema econômico vigente? Ela ressalta a importância de se pensar na resposta para essa pergunta, já que considera que esse “analista de um dia” (jorn = dia / alista = analista) possui o poder de selecionar e distribuir informações, pelo privilégio de ter fácil acesso a elas. Logo, a autora conclui que o profissional sente o peso que significa ser “herói” e por isso, deseja simplesmente realizar um trabalho simples e digno.

Claramente, existem transformações no trabalho do repórter com o passar do tempo, até mesmo porque a sociedade se modifica constantemente. O desafio do repórter e do profissional de jornalismo, no geral, é de conseguir atuar com a responsabilidade que tem com o público. Ainda mais com o produto informação valorizado, o trabalhado a partir dessa “matéria-prima” deve ser realizado com muita cautela para que seja útil, permitindo aos receptores interpretar os dados e formar opinião própria para exercer a sua cidadania.

A imagem do jornalista está mudando. O lugar ocupado pelo jornalismo e pelo jornalista ao longo do século XX, como herói, romântico, revolucionário, derrubador de políticos corruptos já não existe. O jornalista já não tem mais os super poderes de Clark Kent. Submetido a rotinas produtivas infernais para alimentar as “turbinas da informação”, mal pago pelo tanto que produz, ele prefere migrar para as assessorias de comunicação públicas ou privadas (ADGHIRNI, 2005, p. 45).

De acordo com o Adghirni (2005), os jornalistas compreendem que o trabalho que desempenham é importante para a sociedade, mas que não são eles os super-heróis. Além disso, sabem que precisam, agora, cuidar dos problemas relacionados à própria classe profissional, já que as leis de imprensa e outras regulamentações não são mais consideradas válidas. Para a autora, o jornalista quer ser um simples profissional, sem ter que carregar o peso da responsabilidade de “salvar” o mundo das injustiças sociais e políticas.

Ao entrevistar profissionais de jornalismo que atuaram (e atuam) em períodos diferentes e analisar o material que publicaram (e publicam), a intenção é perceber em que o trabalho do repórter se difere. A partir da construção de dois cenários, um calcado no romantismo diante da profissão e o outro focado na situação que se apresenta como desafio na atualidade – a multimídia – polarizamos na intenção de identificar a continuidade da trajetória da reportagem e do trabalho do repórter.

## CAPÍTULO 2 – DO IMPRESSO À MULTIMÍDIA

O trabalho do jornalista está inserido no contexto e na sociedade da qual ele é fruto. Dessa maneira, muitas são as influências sofridas pelo profissional de comunicação e que são expressas em suas produções. Descrevemos a seguir dois cenários: um que sofre transformações a partir do desenvolvimento econômico e a busca pela padronização do conteúdo jornalístico e o outro que ganha novas ferramentas para o jornalismo.

### 2.1 Anos 1960 e o novo jornalismo

Nos anos 50, o Brasil cresce economicamente, intensifica os processos de industrialização e proporciona reforma na imprensa, como a que ocorre com o Jornal do Brasil, realizada pelo artista plástico Amílcar de Castro.

Foi nesse período que se implantou o modelo norte-americano no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social (ASSIS, 2002, p. 71).

Do exemplo norte-americano implementamos a busca pela objetividade na produção jornalística e a padronização do estilo do texto com o *lead*. Era a transformação da notícia em mercadoria passível de venda ao maior de número de pessoas. Os padrões começam a ser construídos e com eles molda-se o perfil do profissional. Diminui-se o espaço da crítica para se dar lugar aos fatos, ao impessoal. Para Ana Paula Goulart Ribeiro (2003) é nesse momento que o jornalista se difere de escritores e literatos.

A estrutura do *lead* formada pelas seis perguntas (o que, quem, quando, onde, como e por que) tem a intenção de responder, basicamente, as dúvidas sobre uma dada situação, de modo ágil e direto. Localizado no início no texto, é a primeira parte a ser consumida para atender àqueles que não se interessam em saber mais sobre o assunto. Contudo, essa “padronização” não foi facilmente aceita, bem como a estrutura de pirâmide invertida – que esquematiza a notícia de modo a ser introduzida com as informações mais relevantes e mais recentes para os dados complementares e contextuais.

Nesse período, também, nascia o *new journalism*. No Brasil, algumas empresas jornalísticas sofreram influência desta que pretendia ser uma nova linguagem para o jornalismo. Possivelmente, foi até uma maneira de os redatores e repórteres responderem a

imposição de formato com a técnica do *lead*, buscando não tornar a informação um produto unicamente comercial, mas, sobretudo, social. Além disso, a adesão tornava o veículo um diferencial em relação às produções midiáticas da época.

O estilo do novo jornalismo teve início nos Estados Unidos, nos anos 60, e caracteriza-se pela apuração em profundidade, grande envolvimento do repórter com o fato que narra e uma maior liberdade na produção textual. Tom Wolfe (2005), no livro “Radical Chique e o Novo Jornalismo”, explica que a aproximação entre o jornalismo e a literatura teve início com a narração do ocorrido em forma de romance. A objetividade jornalística e a corrida pelo factual não permitem o entendimento profundo da situação, segundo o autor. Foi assim que Truman Capote passou cinco anos entrevistando e levantando informações para escrever o livro “A sangue frio”, contando a história dos assassinatos de uma rica família rural do estado de Kansas, nos EUA.

Wolfe (2005) assinala o novo jornalismo como aquele que narra os fatos cena a cena, buscando detalhar sensações e sentimentos; registro e valorização dos diálogos; destaque dos gestos, hábitos, costumes e maneiras das fontes; descrição do ambiente; fluxo de consciência (demonstração da subjetividade do personagem, quase que uma leitura dos pensamentos da fonte) e pelo

chamado “ponto de vista da terceira pessoa”, a técnica de apresentar cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta (WOLFE, 2005, p.54).

“Mergulho completo, corpo e mente, na realidade” (LIMA, 2004, p. 195). É assim que Edvaldo Pereira Lima (2004) compreende o novo jornalismo. Para ele, com o desprendimento da objetividade, o repórter pode sentir “a batida do coração da sociedade”, perceber os conflitos mais internos e as inquietações.

O estilo literário é uma forte particularidade do novo jornalismo. As técnicas desse gênero são agrupadas ao faro jornalístico com o intuito de se chegar o mais próximo do real. Além da informação, a poética também é almejada para expressar sentimentos. O realismo das cenas é adjetivado, objetivando apresentar a completude da situação.

Felipe Pena (2006), ao definir jornalismo literário, afirma ser este um novo gênero: nem jornalismo, nem literatura. “Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados” (PENA, 2006, p. 21). O autor também explica que a fronteira entre a realidade buscada pelo jornalismo e a ficção produzida



pela literatura é tênue, com vantagem para a última por permanecer por mais tempo na memória dos receptores. Quando se narra uma história utilizando-se da subjetividade e sequência cronológica, o fato é entendido por etapas, permitindo que o público busque aproximar as informações que recebe à sua própria realidade. Prova disso são os antigos folhetins e as radio e telenovelas.

O uso da prática literária pelos jornalistas é uma necessidade, de acordo com Edvaldo Lima (2004). Utiliza-se de elementos da literatura quando não se pode expressar o desejado com as “regras” dos textos jornalísticos. É uma apropriação de linguagem.

## **2.2 Revista *Realidade*: o repórter como personagem**

Década de 60. No âmbito político, também havia mudanças: o Brasil passava por uma instabilidade. Muitos não sabiam o que significava a tomada de poder pelos militares, outros só sentiram as reais implicações com o passar do tempo. Mas os jornalistas, que especialmente neste período, estavam, em sua grande maioria, atentos à política, já compreendiam a gravidade da situação. Gradativamente, as discussões foram se tornando menos presentes na sociedade. O espaço de fala dos veículos de comunicação foi diminuindo até o decreto do Ato Institucional 5 censurar por completo a imprensa. “Foi após o AI-5 que a censura à imprensa foi regulamentada e impôs graves restrições ao conteúdo que os diversos veículos de informação veiculavam, proibindo a divulgação” (MORAES, 2007, p.43).

Esse momento de grandes transformações, no entanto, culminou na união de jornalistas dispostos a debater com a sociedade os tabus nacionais, as questões proibidas: sexualidade, juventude, ascensão feminina, racismo, violência urbana e drogas, por exemplo. A ideia era trazer algo novo e atender a um público inibido pela ditadura, mas cheio de dúvidas e anseios, como explicou Victor Civita, no primeiro editorial da revista *Realidade*:

Há 16 anos vimos editando revistas para o público brasileiro, acompanhando a extraordinária evolução do País. O Brasil vai crescendo em todas as direções. Voltado para o trabalho e confiante no futuro, prepara-se para olhar de frente os seus muitos problemas a fim de analisá-los e procurar solucioná-los. E é por isso que agora surge *Realidade*. Será a revista dos homens e das mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Pretendemos informar, divertir, estimular e servir os nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos comunicar a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano, no impulso renovador que hoje varre o País, e nas realizações da livre iniciativa. Assim é com humildade, confiança e prazer que dedicamos *Realidade* a centenas de milhares de brasileiros lúcidos, interessados em conhecer melhor o presente

e viver melhor o futuro. Victor Civita (CIVITA *apud* MORAES, 2007, p. 46).

*Realidade* foi uma revista da editora Abril, fundada em 1966, pelo jornalista Roberto Civita. Dirigida por Paulo Patarra, o periódico mensal se propunha a levar ao leitor uma média de doze reportagens, abordando assuntos de interesse geral, sem preocupar com o factual. O importante era que os temas fossem atuais e refletissem as inquietações brasileiras da época. Além disso, pretendia combinar texto e ilustração, dando mais espaço às imagens e às suas cores.

Intencionalmente, o material impresso era combinado de modo a chocar e a chamar a atenção para a necessidade de entender o momento em que o País se encontrava, de forma a conseguir acompanhar as modificações que se realizavam com rapidez. A família, por exemplo, começa a sofrer uma quebra em sua ordem. Os divórcios são permitidos, os filhos são criados sem pais e as mulheres se tornam chefes de família.

Para abarcar a situação nacional do mês antecedente, algumas edições foram temáticas, como: *A mulher brasileira, hoje*; *Racismo: EUA X Brasil*; *Nordeste*; *Amazônia* e *Nossas Cidades*. Leticia Moraes (2007) acredita que foi muito feliz não só a escolha dos temas, mas a maneira como eles eram apresentados pela revista, de modo que o veículo se tornou um marco no jornalismo brasileiro lembrado na contemporaneidade. O que *Realidade* vendia, afirma a autora, era um trabalho sem “precedentes”.

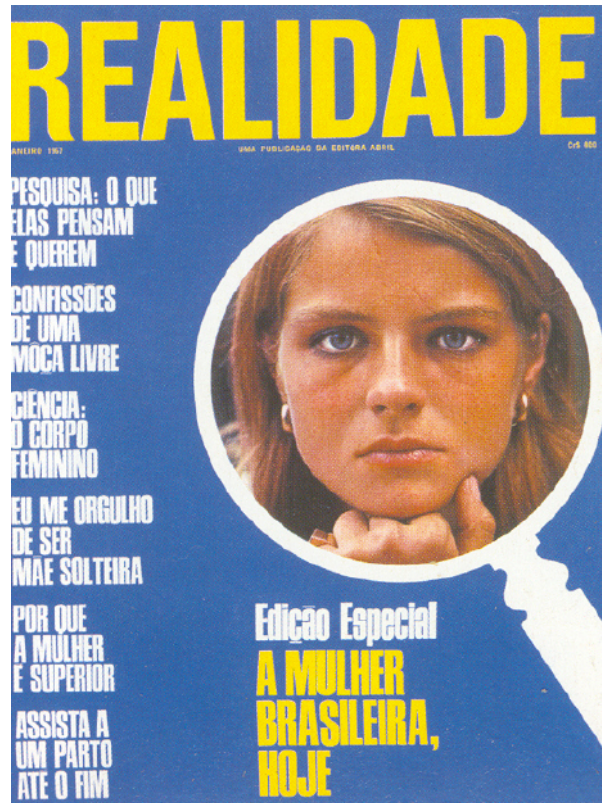


Figura 01 – Reprodução da capa da revista *Realidade*, edição n° 10 de janeiro de 1967.

José Salvador Faro (1999) entende a revista como um produto transgressor, transformador. Produto que rompia com o convencional vigente e propunha ser o meio de comunicação dos brasileiros – fazendo uma alusão ao editorial de Civita.

Descomprometida com a premência do tempo, já que era uma revista mensal, *Realidade* permitia ao repórter bater “na mesma tecla do realismo social”, confundindo sua experiência pessoal com a temática que estava reportando, “para capturar pelo cérebro e pelas entranhas, pela emoção e pela razão”. Esta prática transferia-se para o produto textual que rompia gradativamente com os padrões do jornalismo convencional (FARO, 1999, p. 90).

Faro (1999) classifica o estilo da produção textual da revista como pessoal, calcado na experimentação e na vivência. É daí, a necessidade e utilização da literatura: expressar o sensorial. Com isso, ir ao encontro dos sentimentos dos receptores, por meio da combinação de enredo próprio e linguagem diferenciada do que era veiculado pelo rádio e pela televisão – mídia recente que tem como carro chefe a imagem.

Dessa maneira, *Realidade* é considerada um divisor de águas na história da imprensa brasileira pela ousadia e inovação<sup>1</sup>. Além da mudança na escrita, também inovou com o espaço que dedicou à publicação de fotos (algumas reportagens só continham imagens), sem contar as extensas e impactantes fotografias de capa. Percebe-se na revista a presença constante da dobradinha repórter-fotógrafo, que valoriza tanto texto quanto imagem ao não acumular essas tarefas em uma mesma pessoa.

Ainda, a revista realizava uma conversa horizontal com seu público. Era ela quem fornecia o espaço de discussão livre das condenações e recriminações da sociedade. “As reportagens longas e o texto cuidadosamente escrito fizeram de *Realidade* um marco na história da imprensa brasileira e revelam o interesse da revista em dialogar com um público capaz de compreender e repercutir tal expressão de um jornalismo inovador” (MORAES, 2007, p. 17).

O estilo literário em *Realidade* permitiu ao jornalismo ser mais atrativo, caracterizando-se como uma fuga do jornalismo tradicional. Também, por ser o agrupamento de várias reportagens, o repórter do veículo tinha a possibilidade de driblar o *lead* e o *sublead*. Isso, assumindo que a reportagem é o espaço do repórter: tem o estilo dele, é a exposição do modo como vê e entende a realidade, há maior liberdade narrativa, a começar pela escolha da angulação. Outra variedade relevante é quanto à escolha das fontes. *Realidade* produzia reportagens de cunho social e, por isso, os personagens eram os cidadãos brasileiros. As fontes oficiais ficavam em segundo plano.

A humanização do conteúdo também é uma característica marcante. O trabalho do repórter era trazer à tona assuntos que diziam respeito ao dia a dia dos cidadãos brasileiros. Falar sobre problemas sociais e debater questões “vedadas”. Assim, o periódico conseguiu se estabilizar no mercado e cativar um público fiel. Uma vez que divulgava dados atuais, alimentava a necessidade das pessoas por informação.

A revista circulou até 1976. Nos três primeiros anos, teve o seu auge com o crescente aumento nas vendas. No entanto, a edição número 10, um especial sobre “mulher”, em 1967, foi censurada. A foto de um parto seria o motivador dessa ação. “Seis meses de apuração renderam depoimentos corajosos, uma pesquisa inédita e reveladora, personagens inusitados, entre os muitos destaques que ficaram longe dos olhos de todos, por obra da

---

<sup>1</sup> Além de *Realidade*, o *Jornal da Tarde* também apresentou características de reforma na linguagem. Todavia, não chegou a ser uma “exceção” como a revista. *Realidade* conseguiu fazer com que o repórter – uma peça do processo industrial da imprensa – se tornasse ator diferencial.

censura” (Carta ao Leitor do suplemento da relançada edição da revista *Realidade* pela editora Abril, em comemoração ao dia internacional da mulher, 2010).

Desse episódio em diante, a revista trabalhou os textos de forma mais tímida, evitando bater de frente com os censores. Uma prova disso é a publicação de perfis dos militares. Somado a forte censura, havia a cobertura dinâmica da televisão e o lançamento da revista semanal *Veja*, pela mesma editora. Os repórteres começaram a ter dificuldade em realizar a vivência das pautas, os textos não estavam mais agradando e as vendas recuaram. Ainda assim, *Realidade* produziu reportagens que venceram o Prêmio Esso de Jornalismo<sup>2</sup> – o mais importante prêmio da categoria no País: *Amazônia*, em 1972 e *Seu corpo pode ser um bom presente*, no ano seguinte, ambas do repórter José Hamilton Ribeiro. Ao todo, a publicação ganhou nove vezes esse prêmio.

O tamanho da revista passa de 30 x 24 cm para 26,5 x 20 cm e a média de reportagens por edição duplica. Isso permite conduzir que o conteúdo perde o caráter analítico. Com textos mais rasos, assemelhando-se aos de outras mídias, perdeu-se o diferencial aprofundamento das informações. Artistas tornam-se escritores da revista, porém a colaboração dessas figuras parece não ter ajudado *Realidade* a se reerguer. Em março de 1976, publica o seu último número: *Drogas! Como salvar seu filho do vício* e entra para a história.

A regra do periódico, portanto, era dedicar-se o quanto necessário fosse à apuração, investigando minuciosamente os dados para expor algo interessante e emocionante, misturando objetividade com subjetividade. Por suas peculiaridades, podemos considerar que *Realidade* é a história dos brasileiros por uma década.

### **2.3 A reportagem na era multimídia**

Na atualidade, a novidade é o Jornalismo Online. É a vez do computador – com internet – demonstrar suas possibilidades e peculiaridades em relação aos impressos, rádio e televisão, e, ao mesmo tempo, mostrar como é que desenvolve práticas tão próprias do jornalismo, como a produção de reportagens. Há diferença? Neste estudo, pretendemos responder esta e outras questões sobre a maneira como a realização de reportagens sofreu

---

<sup>2</sup> Os prêmios podem ser consultados pelo site do Prêmio Esso de Jornalismo no endereço eletrônico <http://www.premioesso.com.br/site/home/index.aspx>

alterações com o passar do tempo, as transformações sociais sofridas pelos jornalistas e como as possibilidades e inovações tecnológicas interferem nesse processo.

Marcos Palacios (2003) entende o jornalismo online a partir de cinco características básicas: multimídia/convergência, interatividade<sup>3</sup>, hipertextualidade, personalização<sup>4</sup> e memória. Seguindo as definições do autor, vamos especificamente trabalhar com três desses conceitos para tratar da reportagem multimídia: multimídia/convergência, memória e hipertextualidade.

A multimídia para Palacios (2003) é a combinação dos mais variados formatos (vídeo, texto, som e imagem) em uma mesma plataforma, buscando, com o agrupamento, a construção de uma narrativa jornalística única. O formato multimídia, também, é bem definido por Ramón Salaverría (2001). Para ele é necessário se construir uma identidade para cada peça e ao mesmo tempo se ter uma unicidade do conjunto delas.

A mensagem multimídia deve ser um produto polifônico no qual se conjuguem conteúdos expressados em diversos códigos. E mais que isso, deve ser unitário. A mensagem multimídia não se alcança mediante mera justaposição de códigos textuais e audiovisuais, mas através de uma integração harmônica desses códigos em uma mensagem unitária. Um produto informativo que só permita acessar um texto, um vídeo e uma gravação sonora, separadamente, não pode ser considerado propriamente uma mensagem multimídia; trata-se simplesmente de um conglomerado desintegrado de mensagens informativas independentes (SALAVERRÍA, 2001 *apud* RIBAS, 2004).

Em obra mais recente, Salaverría (2005) aprofunda a discussão sobre multimídia e expõe duas práticas na qual ela é supostamente construída: por justaposição e por integração. A primeira seria a simples junção de produções em variados formatos em um mesmo ambiente, como uma página de internet (como expresso anteriormente, para o autor, não seria multimídia). A outra, em contrapartida, não se limita em justapor elementos, mas preocupa-se em construir uma narrativa singular, articulada e coerente.

Uma das derivações da multimídia é a convergência. Na voz de Palacios (2003), “a convergência torna-se possível em função do processo de digitalização da informação e sua posterior circulação e/ou disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, numa situação de agregação e complementaridade” (PALACIOS, 2003, p. 3). Essa convergência, porém,

---

<sup>3</sup> A interatividade não será observada pelo fato de o trabalho se centrar no profissional e não no envolvimento do público com o conteúdo jornalístico. Ainda, por entendermos que essa especificação mereceria muita discussão que acabaria levando a condução da pesquisa para outros rumos, que não os desejados.

<sup>4</sup> A personalização também é uma característica relacionada ao receptor. Uma “opção oferecida ao Usuário para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais” (PALACIOS, 2003, p. 4).

também se dá de outra maneira. Uma empresa de comunicação que seja formada por rádio, televisão, jornais, revistas e portal pode organizar as produções em um canal na internet, dando a ideia de uma cobertura mais completa, está fornecendo em um mesmo lugar tudo que foi feito. Vale chamar atenção para o fato de que a convergência de mídias não é uma possibilidade derivada da internet. Ela é possível entre rádio e televisão, por exemplo: um repórter de rádio faz uma entrevista que também será veiculada na televisão (colocam uma foto da pessoa e o som das falas). O que o meio online proporcionou foi uma facilidade de entendimento dessa conversa entre os produtos feitos para veículos em específico.

A convergência é, ainda, uma maneira de valorizar o material feito para uma mídia em particular, a partir do reaproveitamento do material e de facilitar o acesso ao conteúdo, pela possibilidade de memória – esta é a segunda característica que pretendemos estudar - que a internet permite.

Na Web a Memória torna-se Coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem. Desta maneira, o volume de informação anteriormente produzida e diretamente disponível ao Usuário e ao Produtor da notícia cresce exponencialmente no Jornalismo Online, o que produz efeitos quanto à produção e recepção da informação jornalística (PALACIOS, 2003, p. 4).

Essa particularidade proporcionada pela *web* é classificada por Palacios (*op. cit.*) como múltipla, instantânea e cumulativa. Na *net* estão disponíveis informações de variadas naturezas, rapidamente (devido à facilidade dos mecanismos de busca por palavras-chave, assuntos, autores, título etc.) e é possível continuar arquivando mais e mais informações.

O autor complementa afirmando que o espaço da internet é eclético e que agrupa tempos diferentes: o passado, o presente e o futuro dialogam em um mesmo ambiente e formam uma nova dimensão, transformada em realidade pela virtualidade.

Gustavo Cardoso (2007) também discute o que é a “memória virtual”. Para isso a compara com uma biblioteca. Ele considera que esse conhecido local onde se encontram muitos livros é um registro da memória que narra a história de um povo, de uma nação e até mesmo da humanidade. “Pelo contrário, a internet é um espaço de eleição para a memória não histórica: memória de eventos, pessoas, ideias, memória social” (CARDOSO, 2007, p. 288). Ele explica que a publicação na internet é muito mais simples e fácil do que as produções editoriais em livros e que, por isso, as visões postas na internet são muito mais diversas e amplas. O social fica em evidência na internet, posto que as pessoas falam de si. Essa visão é interessante pelo fato de lembrar que a interação entre os usuários é uma marca da

virtualidade. E cada relacionamento pode ser registrado, encontrado, revisto e reeditado. Assim, além de formar um grande acervo de informações diversas, a *net* proporciona a formação de uma memória social dos fatos.

Além disso, os dados acumulados pela “memória” na *web* estão ligados entre si, pelas proximidades temáticas por meio da hipertextualidade: “possibilita a interconexão de textos através de *links* (hiperligações)”, bem como, conexão entre vídeos, áudios, imagens e textos, ressalva Palacios (2003).

Com a tecnologia online o jornalismo ganha novas ferramentas que ampliam o leque de opções para a construção da narrativa, dando a possibilidade de se atender a variados públicos em acessos por caminhos distintos em uma mesma publicação na internet, que em sua grande parte é permitida pela hipertextualidade. Os estudos de Beatriz Ribas (2005) confirmam que o espaço online permite uma comunicação em variadas dimensões ao mesmo tempo, “a informação pode ser apresentada em diferentes formatos, o armazenamento e a recuperação de dados podem ser potencializados e dinamizados, a autoria pode ser ampliada” (RIBAS, 2005, p. 3).

Essas especificações derivam, novamente, da multimídia e da “hipermidiaticidade” permitidas pela *web*. Esta última, como defendem Rocha e Ribeiro (2009), agrupa a questão multimídia ao hipertexto, que seria o desmembramento do texto em diversas páginas subseqüentes, permitindo ao usuário a opção de conhecer o conteúdo que aparece na forma de *link* (contém o endereço eletrônico de uma página da internet).

Quando se pensa na internet como mais uma mídia com grandes potencialidades jornalísticas, infere-se que os profissionais que atuam nessa área têm a possibilidade de mais uma plataforma para a publicação de informações. Contudo, deve-se atentar para o fato de que se outras ferramentas estão agora à disposição dos jornalistas, provavelmente o conteúdo produzido terá características próprias, de acordo com essas novas interferências.

Além dos aparatos tecnológicos, como gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras – tudo digital e portátil – celulares e notebooks, existe, na contemporaneidade, a redução dos custos dos produtos comunicacionais, bem como as especificações do ambiente da internet (detalhadas abaixo). Por isso, a construção jornalística desse meio é novidade.

O repórter que trabalha para veículos online é caracterizado por Anabela Gradim (2003) como um *backpack journalist*, fazendo referência ao profissional que carrega uma grande quantidade de pequenos equipamentos consigo. Ela, ainda, ressalta o potencial técnico



que esse profissional precisa ter para realizar as atividades na internet. Tem que dominar as máquinas e as ferramentas com as quais elas estão relacionadas.

Ao assumirem os papéis de produtores multimídia, os jornalistas alteraram suas funções primordiais de “coletores de informação”; munidos de equipamento digital e com uma definição editorial voltada para o aproveitamento de recursos em hipermídia, ambos amalgamaram funções que se encontram separadas nos meios de comunicação de massa (ROCHA; RIBEIRO, 2009, p. 3).

Beatriz Ribas (2005) faz um esforço para compreender mais um elemento na multimídia, a narratividade. Para ela, são duas as principais funções da narrativa na *web*: organizar os dados na tela e fazer a mediação entre produtor, computador e usuário; e criar ambientes variados, permitindo experiências distintas. Dessa maneira, ela define a narratividade online como uma “estrutura que incorpora os elementos da narrativa tradicional em associação aos elementos, características e princípios do meio [internet]” (RIBAS, 2005, p. 7). Pensar na maneira como vai se conduzir a narração é muito importante para a construção dos gêneros jornalísticos na e para a *net*.

Na internet, há a reportagem multimídia. Na definição de Raquel Longhi (2009) é uma “grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear” (LONGHI, 2009, p. 5). A reportagem multimídia é a reconfiguração do formato reportagem do impresso no *webjornalismo*, com as possibilidades do hipertexto, da interatividade e da não-sequencialidade. É assim também que Ribas (2005) entende a reportagem.

No *cibermeio*, mantém as características da definição clássica, beneficiando-se principalmente da multimídia e da hipertextualidade. Mostra-se como um complexo informativo que pode reunir de maneira equilibrada diferentes formatos, estruturando a informação em diversos níveis e permitindo uma relação interativa do usuário com os blocos informativos (RIBAS, 2005, p.16).

Basicamente, a internet utilizada como meio de comunicação oferece dados instantâneos, efêmeros e superficiais. São em grande quantidade, atualizados a cada segundo, mas por conta disso, sem o necessário tempo para uma apuração de qualidade.

Ao contrário do então estabelecido “padrão” do online como sendo a superficialidade, a reportagem multimídia se contrapõe a esse preceito já que demanda um grande trabalho de equipe pela gama de atividades a serem realizadas, para que o produto possua narrativa própria e faça sentido. A reportagem multimídia chega a ser mais complexa do que a

produzida por veículos tradicionais, já que oferece a possibilidade de o receptor escolher o próprio caminho para a compreensão do fato. Além disso, lhe permite consumir a quantidade de informações que achar necessário.

No Brasil, existem iniciativas não vinculadas aos grandes grupos de mídia, como as realizadas pelo site do coletivo multimídia “Garapa”<sup>5</sup>, uma empresa que se define, em seu site, como “produtora que tem como objetivo pensar e produzir conteúdo jornalístico/documental de maneira crítica e independente, integrando diversos formatos e narrativas”.

Outro exemplo é o “!sso não é normal”<sup>6</sup>: reportagem multimídia publicada e hospedada no site do jornal Estado de São Paulo, o “Estadão”, feita pelas empresas privadas “Webcitizen” e “Cia de Foto”, com o apoio do Departamento para o Desenvolvimento Internacional (DFID) do governo britânico. As produções discutem as mudanças climáticas que estão ocorrendo no Brasil.

Os jornalistas André Deak e Paulo Fehlauer também já fizeram reportagem multimídia. Foi desenvolvido um site só para a publicação da reportagem “Crônica de uma catástrofe ambiental” (<http://www.revistaforum.com.br/casoservatis/>)<sup>7</sup>. Essa escolha, de acordo com o que Deak explica em seu site<sup>8</sup>, foi devido ao entendimento de que o material poderia ser apresentado de modo mais completo com o formato de reportagem multimídia. Fehlauer prefere chamar o trabalho pronto de site-reportagem<sup>9</sup>, no qual combinaram os mais variados formatos, explorando as potencialidades de cada um.

Contudo, a reportagem multimídia ainda não é recorrente, sendo realizada sem uma periodicidade definida. Os portais jornalísticos, a partir de nossa observação, também não a realizam com frequência, ainda que o formato seja apresentado como uma tendência para os veículos de comunicação na internet. Em meio a tantos emissores, a reportagem multimídia seria quase que um “privilégio” dos profissionais por possuírem possibilidades técnica e de pessoal para a realização do trabalho complexo e amplo, com qualidade.

---

<sup>5</sup> <http://garapa.org/>

<sup>6</sup> <http://www.issonaoenormal.com.br/>

<sup>7</sup> O endereço eletrônico para acessar a reportagem citada não está mais disponível. Mas, o link indicado no texto era o que conduzia ao material.

<sup>8</sup> <http://www.andredeak.com.br/2009/03/21/making-of-cronica-de-uma-catastrofe-ambiental/>

<sup>9</sup> A experiência deles é um Jornalismo de Código Aberto. Todo o conteúdo está disponibilizado para, segundo os autores, permitir uma checagem das informações pelos usuários, bem como permitir que novos trabalhos sejam feitos a partir do material que produziram.

Uma das empresas jornalísticas que realiza reportagens multimídia é o *JC Online*. O portal elabora essas produções desde os anos 2000. No País, é o portal jornalístico que realiza esse trabalho com mais constância e por isso torna-se o objeto de pesquisa desta investigação.

#### **2.4 *JC Online* e os *Especiais***

O *JC Online*<sup>10</sup> é o canal na internet do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC) de Recife - PE. Criado em 1994, o portal, inicialmente, era um boletim que agrupava as manchetes do diário impresso Jornal do Comércio. Em 1996, o *JC Online* ganhou forma, um layout próprio. No site oficial consta que “nessa época, foi acertado a parceria com o Universo Online (UOL). Ao longo dos anos, *JC Online* ganhou novos serviços, lançou produtos e se tornou, oficialmente, portal em 20 de fevereiro de 2002”.

Além das notícias, o trabalho do repórter também pode ser encontrado na seção *Especiais*. Neste espaço estão as reportagens multimídia que são formadas por textos e “recheados de recursos multimídia – como vídeos, áudios, hipertextos, infográficos e galerias de imagens – e de interatividade, como mural, enquete e chat” – informações retiradas do site. Esse trabalho é realizado por uma equipe de profissionais de variadas áreas, como jornalismo e design.

---

<sup>10</sup> <http://jc.uol.com.br/>

The screenshot shows the 'Especiais' section of the JC Online website. At the top, there is a navigation bar with the following items: 'NOTÍCIAS', 'SERVIÇOS', 'BLOGS E COLUNAS', 'ESPECIAIS', 'ENTRETENIMENTO', 'INSTITUCIONAL', 'PARCEIROS', 'PROMOÇÕES', 'CENTRAL DO USUÁRIO', and 'PORTAL NEURÔNIO'. Below this is a red banner with the text: 'ELEIÇÕES 2010', 'PELÉ - 70 ANOS DE UM REINADO', 'A ROTA DA EMERGÊNCIA', 'INFÂNCIA PERDIDA', 'VIDAS CRUZADAS', 'CONFÉ DA BOA VISTA - O RECIFE PASSA POR AQUI', and 'EDIÇÃO É BÁSICO'. The main header area includes 'ESPECIAIS', 'Pernambuco - 09.11.10 - Atualizado às 15h18', a search bar, and logos for 'JC zap', 'Classificações Online', and 'AtitudeCidade' with the time '16:21:05'. The 'RANKING' section is divided into '+ Lidas', '+ Comentadas', and 'TAGs'. The top five items are: 1. 'Acidente deixa uma pessoa morta e cinco feridas em Vitória', 2. 'Pai de menino morto dentro de carro afirma que fato foi fatalidade', 3. 'Polícia frustra tentativa de arrombamento de banco em Afogados', 4. 'Menina de 7 anos é baleada junto com o pai em Araçoiaba', and 5. 'Caseiro preso por estupro e morte de estudante admite crimes'. On the left, there are four featured articles: 'Eleições 2010' (Confira a cobertura das eleições presidencial e estaduais de 2010), 'Pelé - 70 anos de um reinado' (Hoje lembra história de atleta que reinventou o futebol), 'A rota da emergência' (Reportagem revela problemas no transporte de pacientes do interior de Pernambuco), and 'Infância perdida' (with a small image of a person). On the right, there are several advertisements: 'MAGEM.COM' (Cuript e Celular LG 2 Chips e GANHE LG GS107), 'Assine o JC' (JC + Breviário por apenas 12xR\$40 e ganhe brindes!), 'Claro' (Recarregue e pague em até 40 dias com seu cartão), and 'FERREIRA COSTA' (COM. BACIA C/ CAIXA ACUPLADA 12V DCCA RG 179,90). There is also a yellow banner for 'Novo Ensino Médio' (Uma parceria para você ser aprovado na).

Figura 02 – Reprodução da home da seção *Especiais* do portal *JC Online*, realizada em 09 de novembro de 2010.

Em dez anos, já foram feitas 90 reportagens dos mais diversos assuntos. A periodicidade média de produção anual não é definida. Em 2009, por exemplo, foram mais de 20 e em 2007, oito. Com uma década, as reportagens multimídia já renderam ao portal 23 prêmios, nas áreas de jornalismo, cultura e direito, como, por exemplo, o Prêmio Senai de Reportagem (internet) em 2005, com a reportagem *A nova engrenagem da indústria*<sup>11</sup>; em 2006, o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, com o trabalho intitulado *Longe da casinha de boneca*<sup>12</sup>; e o Prêmio do Fórum Universal das Culturas (2008) com a reportagem multimídia *Limites, formação e trabalho*<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/engrenagem/>

<sup>12</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/casinhadeboneca/>

<sup>13</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/limites/>

### CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo da pesquisa é compreender a partir da análise das falas de um ex-repórter da revista *Realidade* e de duas repórteres do *JC Online*, juntamente com a consulta a reportagens publicadas pelos dois veículos, as mudanças ocorridas na construção das reportagens e no trabalho do repórter nos anos 60 e na atualidade. Nosso intuito é entender se a produção do conteúdo jornalístico sofreu alterações com a produção de grandes reportagens e saber quais são as modificações na função do repórter.

Temos ainda como objetivos específicos:

- apontar as diferenças do trabalho jornalístico desempenhado pelo repórter devido às modificações proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico;
- entender o contexto de atuação dos profissionais, tanto na mídia impressa (anos 60) quanto no *webjornalismo* (anos 2000);
- analisar o conceito de reportagem presente na publicação impressa na multimídia.

Para isso, a metodologia utilizada procura combinar técnicas de mais de um procedimento clássico. Em princípio, foi realizada uma ampla revisão bibliográfica, no esforço de contextualizar bem o profissional de jornalismo e seu trabalho na produção de reportagens. De acordo com Laville (1999), a revisão da literatura disponível é muito importante para o sucesso de uma pesquisa.

Fazer a revisão da literatura em torno de uma questão é, para o pesquisador, revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir em sua pesquisa. Nela tenta encontrar essencialmente os saberes e as pesquisas relacionadas com sua questão; deles se serve para alimentar seus conhecimentos, afinar suas perspectivas teóricas, precisar e objetivar seu aparelho conceitual (LAVILLE, 1999, p. 112).

Para o entendimento das possíveis modificações ocorridas com o repórter e com o principal fruto do seu trabalho, a reportagem, com o passar do tempo e com a difusão das novas tecnologias, optamos, como método principal, por realizar entrevistas com repórteres de *Realidade* e do *JC Online*. A intenção é perceber, a partir das falas deles, se há alguma transformação. “O recurso ao testemunho permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, sentimentos, opiniões...” (LAVILLE, 1999, p. 190). Consideramos que as pessoas que mais sabem sobre o trabalho do

repórter são aqueles que o executaram e/ou executam, os próprios repórteres. E, por isso, a entrevista se torna a técnica de apuração de dados mais eficiente.

Podemos certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através da Entrevista deve ser feita quando o pesquisador/entrevistador precisar valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos e de forma fidedigna. E só os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto (ROSA, 2006, p. 16).

Além disso, entendemos que a entrevista nos permite conhecer o contexto dos períodos tratados pelo estudo (anos 60 e 2000), já que sua base é o diálogo. Ao responder as perguntas, os entrevistados acabam por utilizar de elementos que fazem referências a épocas específicas, bem como a relatar situações particulares de um determinado momento.

O contato com os profissionais se deu por e-mail, assim como a entrevista, já que um entrevistado mora no estado do Rio de Janeiro, as outras duas em Pernambuco e a pesquisadora reside em Viçosa (MG).

José Carlos Marão foi o único jornalista que trabalhou na revista *Realidade* com qual a pesquisadora conseguiu conversar. Pelo fato de o veículo ter parado de circular na década de 70 não é fácil a localização dos repórteres. Mesmo assim, a pesquisadora tentou contatar, sem sucesso, outros profissionais do veículo. Já as profissionais do *JC Online*, Julliana de Melo e Inês Calado foram convidadas a participar da pesquisa por terem contribuído com grande parte das reportagens multimídia feitas pelo portal. Feito o convite, todos aceitaram prontamente. A preocupação aqui não foi com a quantidade de entrevistados, mas sim com a qualidade das respostas que estes puderam fornecer, o que aproxima do entendimento de Rosa (2006). “Na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar informações que tem importância, mas, sim o significado que os sujeitos têm, em razão do que se procura para a pesquisa” (ROSA, 2006, p. 53).

A entrevista foi dividida em dois blocos para facilitar a receptividade pelos entrevistados, bem como para separar as questões relativas ao profissional e sobre a reportagem. Contudo, os respondentes tiveram liberdade para responder, sem a interferência do entrevistador, que recebeu o conteúdo da entrevista pronto, de uma só vez. De acordo com Christian Laville (1999) essa prática é válida, porque quando se deixa “o entrevistado formular uma resposta pessoal, obtém uma ideia melhor do que este realmente pensa e se certifica, na mesma ocasião, de sua competência” (LAVILLE, 1999, p. 187).

As questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre

os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos (ROSA, 2006, p. 31).

No total foram 16 perguntas para o jornalista José Carlos Marão (repórter de *Realidade*) e 18 questões para Julliana de Melo e Inês Calado (repórteres do *JC Online*) – elas responderam juntas<sup>14</sup>. Essa diferença no número de questões é explicada pelo fato de a reportagem multimídia ter algumas peculiaridades ainda não entendidas pela bibliografia e que achamos necessário saber a opinião das profissionais. Basicamente, o conteúdo das duas entrevistas é o mesmo para que fosse possível uma comparação das respostas e uma visualização de qual era a postura do repórter para a produção das grandes reportagens impressas (como ele se portava na apuração e na produção do conteúdo) e como hoje essa prática se encontra na construção das reportagens multimídia. Na visão de João Bosco Lodi (1977) “o argumento a favor da entrevista padronizada é o de que ela produz uma resposta que diferencia validamente um respondente de outro, usando estímulos idênticos” (LODI, 1977, p. 16). O roteiro completo das entrevistas está em anexo 1.

Dessa maneira, o método utilizado se classifica como entrevista semi-estruturada, que na definição de Rosa (2006) é uma proposta de diálogo, previamente elaborada, mas com certa flexibilidade na condução da entrevista. É uma técnica que estimula a lembrança dos entrevistados, segundo a autora.

O jornalista Marão respondeu de duas maneiras: pela resposta direta a algumas perguntas e pela disponibilização de um texto (inédito) que produziu para uma futura publicação em um livro. Logo, a pesquisa em questão conta com objeto exclusivo para a realização do estudo. De acordo com o jornalista, o material enviado poderia contribuir para o melhor entendimento do modo com era o funcionamento da redação e dos profissionais da revista e que, por isso, ele resolveu compartilhar sua produção, além de responder as perguntas. Neste trabalho, vamos considerar os dois materiais fornecidos pelo entrevistado Marão como um único conteúdo. As jornalistas do portal, por outro lado, somente responderam às questões propostas.

---

<sup>14</sup> Julliana de Melo e Inês Calado responderam em conjunto as questões propostas pela pesquisa. Elas pediram para ser assim e nós concedemos, visto que por trabalharem para um mesmo veículo, muitas das realidades que vivenciam com a profissão são semelhantes. Dessa forma, não houve nem um prejuízo para o estudo.

Como critério de base para a análise das entrevistas, desenvolvemos um roteiro dividido em três partes. Na primeira, pretendemos avaliar como se dá a construção do texto da reportagem. Assim, são pontos para se perceber como foi montada a narrativa, desde os primeiros passos, com a apuração e contato com as fontes, até a elaboração do texto em si. Na fase seguinte, o objetivo é buscar encontrar vestígios da presença do repórter na própria reportagem, percebendo como ele se mostra. E, por fim, compreender no conjunto da reportagem o seu resultado final: como ela foi estruturada, quais as características e elementos que a compõe (texto, foto, vídeo, áudio...). O roteiro completo dos critérios de análise das entrevistas está em anexo 2.

Como material complementar, foi realizada leitura e observação das reportagens já publicadas pelos veículos (foram utilizadas as reportagens citadas pelos entrevistados durante a entrevista), de modo a perceber na produção jornalística vestígios indicados pelas respostas à entrevista. Ao trazer as reportagens, como exemplos, nós pretendemos caracterizar as falas e identificar visivelmente as diferenças e semelhanças.

### **3.1 Apresentação dos dados**

Nas duas partes que se seguem, apresentamos o conteúdo das entrevistas realizadas com o ex-repórter da revista *Realidade*, José Carlos Marão e com as jornalistas do portal *JC Online* Julliana de Melo e Inês Calado. Além disso, foi feita uma discussão a partir dos discursos dos profissionais e trechos de algumas reportagens publicadas pelos veículos, como uma maneira de perceber a aplicação das informações transmitidas por eles nas produções jornalísticas.

#### **3.1.1 Um repórter de *Realidade***

O repórter de *Realidade* José Carlos Marão participou da revista desde o seu lançamento, em 1966, e ficou até o fim de sua primeira fase, em 1968. Depois, volta a fazer parte da equipe da revista em meados de 1969. Na entrevista e por meio de texto inédito, Marão nos contou como era o dia-a-dia na redação de *Realidade* e a maneira como as reportagens eram produzidas.

Marão diz que a produção da reportagem tinha início com as reuniões de pauta. A equipe da qual ele fazia parte primeiro realizava uma reunião informal entre os repórteres, e



depois uma na empresa com os chefes e diretores. A colocação de ideias era livre, com a preocupação de abordar, principalmente, assuntos como política, saúde, educação, ciência, cultura, religião, sexo. Após uma triagem, as pautas eram divididas entre os repórteres. Não havia um *deadline* fixo. Cada reportagem era feita em tempo variável e a apuração deveria ser realizada no tempo julgado como necessário pelo repórter. Na voz de Marão, “o tempo necessário para que o trabalho de pesquisa e texto fosse bem feito”. Dessa maneira, as reportagens que não ficassem prontas a tempo da próxima edição, ficavam para a seguinte, sem grandes problemas.

Um dos fatores que poderiam fazer com que uma reportagem demorasse a ser finalizada era a dificuldade de contato com as fontes e levantamento das informações. Os repórteres, na maioria das vezes, se dirigiam primeiro a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, para compreender o assunto e depois saírem a campo. Um telefonema poderia demorar dias, o rádio era superficial e a televisão incipiente, fala Marão. Os recursos que poderiam realmente contar era “inteligência, papel, lápis e máquina de escrever”, no entendimento de Marão. E claro, contar com a equipe. Como não existia computador, a revista era montada (organização das páginas) à mão. Colava-se os trechos e se ia confeccionando a edição. Também, na parte textual, essa finalização ocorria. Tinha-se que escrever as legendas, colocar os títulos e, às vezes, modificar todo o texto. De acordo com Marão,

havia uma sutil forma de indicar como o processo tinha ocorrido. Se a assinatura fosse “Texto de Fulano”, o texto era dele mesmo, começo, meio e fim, com pouquíssimas alterações ou sugestões dos editores. Se a assinatura fosse “Reportagem de Fulano” é porque o texto tinha sido feito na redação, com as informações do repórter (Trecho do texto exclusivo cedido pelo autor).

Em *Nasceu!* e *Três histórias de desquite*, duas reportagens de *Realidade* que possuem narrativas diferenciadas entre si, podemos entender a liberdade textual e expressão pessoal do autor no próprio texto. Na primeira, o repórter narra a história de uma parteira, com o intuito de discutir a extinção dessa prática. A chamada da reportagem é assim:

Depois que a indústria começou a substituir a agricultura, eles fixaram-se na cidade e transformaram-se em operários e comerciantes. Os hospitais foram surgindo e o progresso acabou com muitas tradições, uma delas a parteira que atendia a domicílio. Mas muita gente de Bento Gonçalves ainda não troca dona Odila pelo médico. Esta é a história de um de seus partos. (Texto de Narciso Kalili, publicado na edição nº 10, janeiro de 1967, p. 69).



Figura 03 – Reprodução da página de abertura da reportagem *Nasceu!*, publicada na edição nº 10 de janeiro de 1967 da revista *Realidade*.

Na reportagem *Três histórias de desquite* três mulheres têm suas histórias reveladas, cada uma de uma maneira: em formato de diário, de entrevista e de depoimento. A chamada da reportagem diz assim:

As milhares de desquitadas ou separadas que há no Brasil têm histórias parecidas com as de Elisa, Dagmar ou Emília. Ou, pelo menos, todos os casos têm um ponto comum: mesmo sendo feliz, a desquitada ou separada não consegue ignorar pressão e hostilidade da sociedade, isto é o que Elisa, Dagmar e Emília vão mostrar, contando o que têm sido suas vidas depois de um casamento fracassado: Elisa, com o seu diário, cuja publicação autorizou; Dagmar, em depoimento; e Emília, numa entrevista que concedeu, junto com o segundo marido e os dois filhos. Todos os personagens das três histórias tiveram seus nomes trocados (Reportagem de José Carlos Marão, publicada na edição nº 10, janeiro de 1967, p. 100).



As milhares de desquitadas ou separadas que há no Brasil têm histórias parecidas com as de Elisa, Dagmar ou Emília. Ou, pelo menos, todos os casos têm um ponto comum: mesmo sendo feliz, a desquitada ou separada não consegue ignorar pressão e hostilidade da sociedade, isto é o que Elisa, Dagmar e Emília vão mostrar, contando o que têm sido suas vidas depois de um casamento fracassado: Elisa, com o seu diário, cuja publicação autorizou; Dagmar, em depoimento; e Emília, numa entrevista que concedeu, junto com o segundo marido e os filhos. Todos os personagens das três histórias tiveram seus nomes trocados.

## Três histórias de desquite

Reportagem de José Carlos Marão

### 1a. história

**Elisa Monteiro**  
É uma moça de 34 anos, que mora com os pais numa cidade do Estado de São Paulo. Todo o seu drama está num diário. É desquitada há seis anos, não teve filhos e tem poucos amigos. Elisa se considera muito infeliz.

Nos seis anos após o desquite, Elisa morou sempre com os pais. Já pensou em sair de casa e viver sozinha. Mas depende economicamente deles. É funcionária pública e ganha pouco. O marido abandonou-a e vive hoje com outra. Elisa não é o mesmo por pressão da família e um pouco de medo da sociedade. Mas principalmente por algumas coisas que vai contar.

— Este é meu diário. Não eu sempre escrevi, para mim mesma, aquilo que nunca tive coragem de dizer a ninguém. Espero que a publicação de algumas coisas seja útil. Mesmo que não me ajude, que ajude outras pessoas, no futuro.

Agosto — Será que nunca um ho-

mem vai colhar com respeito para uma mulher desquitada? Hoje o T. me convidou para jantar. Eu aceitei e perguntei se dona M., a esposa dele, estava prevenida. Ele respondeu que não iamos jantar fora, que nesse jantar assim espôa não entra e filhos não ficam sabendo. E disse que tinha um bom programa para depois do jantar.

— Eu fui chorar no banheiro. Cuidarei um rapaz que também é desquitado. Nós salmos juntos, ele falou que nós precisamos nos conhecer melhor. E depois, talvez, casar em outro país. Depois de uns três meses não encontramos de novo.

— Hoje não fomos ao cinema, depois jantamos juntos. Ele me trouxe.

— Hoje sofri muito. Primeiro de ansiedade e vontade de encontrar N. amanhã. E, em segundo lugar, porque já me viram na rua com o rapaz. Dona F. veio aqui em casa hoje e perguntou, como quem não quer nada, para o mamãe: "Tem algum parente da se-

— Não tinha contado nada à mamãe. Ela não admite que eu saia com ninguém. Quando cheguei do serviço brigou comigo.

— Hoje — Foi horrível. N. levou-me de automóvel até São Paulo. Jantamos, num restaurante bonito, e foi delicioso conversar com ele. Depois, levei-me a uma boate. Lá também estava muito gostoso. Estava feliz.

Depois da boate, ele me levou até

uma casa bonita. Queris que eu discutimos. Ele disse que se estava saindo comigo era para isso mesmo.

— "Ou você pensa que é moça bonita e eu vou casar com você?" Por fim ele me trouxe de volta, correndo muito pela estrada. Quando chegamos lá era tarde, meu pai estava esperando a gente na esquina. Foi um esculáquio.

— Ele disse que era desquitado só para se aproximar de mim. Era tudo mentira. Nunca mais quero vê-lo.

— Conheci um médico, C.I., e saímos juntos na semana passada. Em casa, meus pais já estão falando de novo.

— C.I. hoje foi um pouco inconveniente. Está tentando se aproximar muito. Mas continua fazendo declarações. Eu acredito.

— Faz tempo que C.I. não aparece. Será que ele não quer mais nada? Amanhã mesmo vou procurá-lo. Afinal, ele me prometeu muitas coisas. Se não está mais interessado, devia avisar. Não pode me deixar assim, esperando seus telefonemas.

— Foi procurar o C.I. no próprio consultório. Ele demora para me atender. A enfermeira disse que ele estava muito ocupado. Mas eu queria esclarecer tudo. Saí e ele queria continuar comigo ou não. Enfim, tirei da cabeça uma coisa que me preocupava. Aproveitei um momento em que a porta estava entreaberta e disse: "C.I., eu preciso muito falar com você".

— Ele respondeu: "Sei muito bem do que você precisa. Mas você não quer aceitar esse remédio." Estou chocada até agora. Fago o possível para me acalmar, mas não

consegui. Minha mãe acha que a culpa de tudo é minha.

— Acho que estou me acomodando com a vida de mulher desquitada. Os rapazes do gênero, que me olham como se eu fosse uma prostituta, e às vezes me ofendem com palavras feias, já não me irritam mais.

— Eu sei que o povo fala de mim, mas a minha consciência está limpa. Hoje, sai do trabalho junto com muitas amigas, desquitadas como eu. Ela também tem a consciência limpa. Mas não disse escusado, com muita clareza, quando dois rapazes que passaram por nós disseram: "Olha as duas bucatonas da cidade".

— Sei que muitas desquitadas casaram-se de novo. Também quero casar de novo. Será que minha mãe vai deixar?

— Amizade. Solido. Acho que estou doente. Estou sentindo tonturas. É uma dor que não localizo. Mas não quero ir ao médico.

— Hoje eu me senti mal na repartição. Não me lembro como foi, devo ter demorado. Sei que fui socorrida por um rapaz desconhecido que estava lá, chamado Olavo. Ele me trouxe de carro até em casa.

— O Olavo apareceu de novo. Tem negócios a tratar na repartição. Perguntou como eu estava. E acabou me convidando para sair.

— Marquei encontro para sair amanhã.

— Olavo não sabe que eu sou desquitada. E não vou contar. Meu Deus, como achar uma pessoa que não ligue para falatórios? Uma pessoa que aceite uma mulher desquitada.

Figura 04 – Reprodução da página de abertura da reportagem *Três histórias de desquite*, publicada na edição nº 10 de janeiro de 1967 da revista *Realidade*.

Aqui, dá para se perceber o sentido de reportagem para a publicação. Era o que era produzido pela equipe, pela redação, e não, o trabalho isolado de um ou de outro.

Além do trabalho dos profissionais da redação, existia outra participação muito importante nas reportagens para que o trabalho ficasse completo: era a da fonte. "Havia personagens, mais que fontes", para Marão. E esses personagens eram de todo o País, poderiam ser de qualquer cidade ou região, eram brasileiros, que através de suas histórias pessoais, possibilitavam a discussão de um assunto. Pois *Realidade* sendo uma produção mensal não cobria os fatos no momento em que aconteciam, mas narrava um panorama que compreendia aqueles e outros fatos. Ainda, para o repórter, "os personagens eram gente comum, nos quais o leitor podia se projetar".

Com esses processos iniciais já diferenciados, a ideia de *Realidade* é que fosse um produto editorial novo, diferente do que já se tinha no mercado brasileiro até então. Por isso, a classificação do jornalismo praticado pela revista, na definição do jornalista Marão, era que se

fazia um jornalismo que não se conformava com a verdade oficial, que procurava olhar os vários lados possíveis de um mesmo tema. Se havia uma

tese, procurava também a antítese. Trabalhou com temas mais permanentes e não se prendeu aos casuísmos do noticiário do dia-a-dia. E seu texto, claro, não tinha o tom urgente da notícia, mas a calma da observação meticulosa. Inovou também no visual, na direção de arte e na fotografia (Trecho do texto exclusivo cedido pelo autor).

Dessa maneira, o texto para a publicação deveria ser “completo”, deveria “comunicar”, prender atenção do leitor e o conduzir até o final, original, criativo, com algum tom de educação (textos educativos) e com “as características pessoais de cada um. Realidade, na definição de seu redator-chefe, Paulo Patarra, era uma revista de autores”, uma vez que as produções também eram fruto da vivência do repórter com a situação – o que Marão chama de “matérias de vivência”, nas quais o repórter se comportava como personagem, no intuito de viver por alguns momentos a realidade de algumas pessoas.

Esse envolvimento do repórter com a reportagem, também se dava de outra forma. O texto era individual e era possível expressar as observações do repórter durante a apuração das informações. Por exemplo, na reportagem *Três histórias de desquite* o repórter narrava as reações da fonte durante a entrevista, no corpo de texto da mesma. “Dona Emília, sentada na sala de seu apartamento ao lado de Oscar, vai contando como conheceu a família do seu segundo marido, de vez em quando interrompida pelos dois filhos, que estão brincando ali perto. (...) Volta dona Emília, com o café” (trechos da Reportagem de José Carlos Marão, publicada na edição nº 10, janeiro de 1967, p. 105).

Vale acrescentar que a influência do *New Journalism* na produção das reportagens é explicada pelos trabalhos acadêmicos, mas não efetivamente utilizada pelo repórteres de *Realidade*. Eles até conheciam as obras dos autores desse movimento, segundo Marão, mas não a tinham como parâmetro. Livremente, realizavam textos, objetivando abordar da melhor maneira possível o assunto em questão.

*Realidade* era uma produção “coletiva” para José Carlos Marão. Na hora de ir a campo, porém, iam no máximo o repórter e o fotógrafo. Os demais, só tinham o contato com o material bruto dentro da redação, como o ilustrador. Uma questão interessante desse trabalho em equipe é que, no mínimo, todos estavam envolvidos em quatro edições ao mesmo tempo.

Era necessário trabalhar com três edições na cabeça. Uma, a que estava na gráfica, onde ainda seria possível fazer acertos de última hora. Outra, a que estava em pleno andamento, com matérias sendo editadas. E a terceira, aquela que estava sendo criada. Sem falar na que estava nas bancas, repercutindo (Trecho do texto exclusivo cedido pelo autor).

Em *Realidade* o texto era o item que, sem sombra de dúvidas, era o carro-chefe da reportagem. Outros elementos como fotografias, ilustrações, boxes e gráficos, eram complementares as informações do texto. Com uma exceção: *Realidade* narrava reportagens só por meio de fotografias. Marão lembra da edição número um, na qual “*Realidade* trouxe uma sequência fantástica de fotos, *A vida Dentro do Útero*, um feito da arte fotográfica considerando os recursos da época”. A reportagem fotográfica era uma constante. Nas figuras abaixo, “ensaio” dos fotógrafos da equipe de *Realidade* intitulada *O amor mais amor*, que aborda “o amor que só as mães podem sentir e dar” (Publicado na edição nº 10, janeiro de 1967, p. 46-50).



Figura 05 – Reprodução da página de abertura do ensaio fotográfico *O amor mais que amor*, publicada na edição nº 10 de janeiro de 1967 da revista *Realidade*.

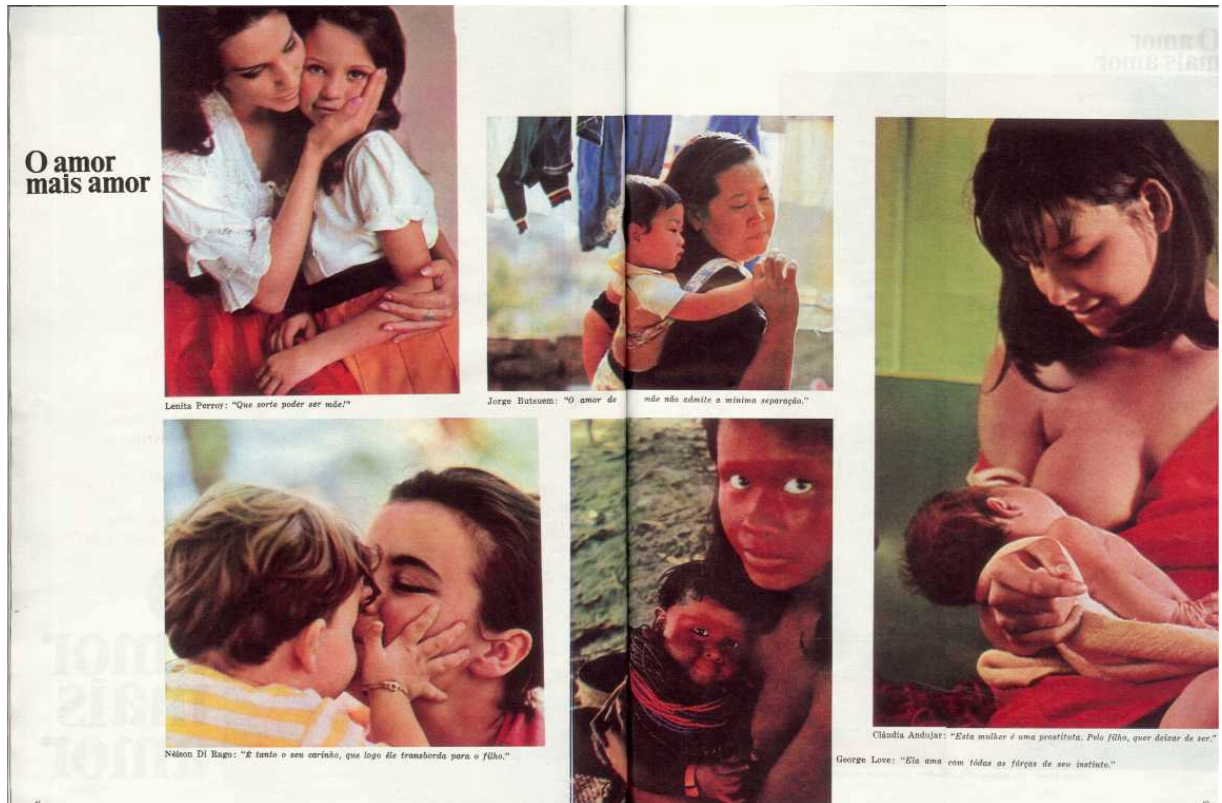


Figura 06 – Reprodução das páginas centrais do ensaio fotográfico *O amor mais que amor*, publicada na edição nº 10 de janeiro de 1967 da revista *Realidade*.

E quem eram esses profissionais de *Realidade*? Para Marão eram um “*dream team*”. Uma equipe de pessoas muito boas no ofício. Os mais antigos, vestidos de ternos. Os mais moços, um pouco bagunçados, mas todos gostavam de uma bebida depois do expediente. Isso, para encarar o trabalho exaustivo que nunca tinha hora para acabar. Todavia, valia a pena. Era uma importante profissão: “reformatar o mundo”. Tudo para atender a um público “fiel” que, na verdade, “escolheu *Realidade* e não o contrário”, formado, não só por mulheres e estudantes, mas também por homens.

### 3.1.2 Repórteres Multimídia

As jornalistas do *JC Online*, Julliana de Melo e Inês Calado, apresentaram respostas que transmitem, além da percepção delas sobre o trabalho que realizam, o modo como a empresa, na qual são funcionárias atualmente, entende a reportagem na internet. Assim, expõem a definição de reportagem multimídia que norteia os *Especiais* do portal.

Classificamos como “reportagem multimídia” as produções do *JC Online* que demandam mais tempo de produção e, além do texto, tentam utilizar todas as ferramentas multimídias que a internet permite como vídeos, áudios, infográficos, galerias de fotos, além de interatividade.

O tamanho da equipe que trabalha em uma grande reportagem pode ser o empenho de toda a equipe do *JC Online* ou o mínimo de um repórter e um designer. Esta dupla, no entanto, é inseparável. Até mesmo no levantamento de informações, o designer acompanha o repórter. Dessa maneira, a inserção das informações para as páginas da internet se torna mais clara de serem construídas, já que se procura uma sintonia entre os dois profissionais. Praticamente, todo o trabalho é feito em conjunto, ressaltando a importância da parceria dos profissionais na produção de reportagens.

Assim que começaram as produções dos primeiros *Especiais* eles eram “temáticos, relacionados a datas como Carnaval, Semana Santa, São João”. A partir de 2004, foi feito “a primeira reportagem multimídia, dentro do formato hoje conhecido”. E esta primeira, explicam, “foi o *site Luta pela terra*<sup>15</sup>, sobre a atuação dos movimentos de trabalhadores sem terra em Pernambuco”.

As jornalistas contam que as pautas são pensadas no início de cada ano. E monta-se um esquema de realização dessas demandas. Salvo, se aparecer, durante o ano, algum tema que chame a atenção da equipe para uma apresentação mais elaborada, as reportagens multimídia daquele ano serão as decididas nesta reunião de pauta. A periodicidade das publicações, contudo, não existe. Vai depender do ritmo diário da redação e da possibilidade de se retirar profissionais das obrigações do dia-a-dia, para que possam se dedicar à reportagem multimídia. “Este ano [2010], por exemplo, devido a dois grandes eventos que demandaram mais esforço e dedicação da nossa equipe - Copa e Eleições - apenas seis<sup>16</sup> reportagens multimídias foram produzidas”.

Para cada reportagem é destinado no mínimo um mês, contados desde o início da apuração até a montagem da reportagem. No período em que está elaborando a reportagem multimídia, o repórter é afastado do cumprimento das pautas cotidianas. Todavia, “como a equipe do *JC Online* é pequena (nove profissionais, sendo cinco repórteres, três editores e um webdesigner) às vezes o repórter precisa dar um tempo na produção [da reportagem multimídia] para cumprir uma outra pauta”.

Para compreender o assunto a ser tratado na grande reportagem, o caminho, inicialmente, é realizar pesquisas em livros e na própria internet. Julliana e Inês também explicam que há uma preferência pelo contato presencial com as fontes. O contato é feito por

---

<sup>15</sup> <http://jc3.uol.com.br/lutapelaterra/>

<sup>16</sup> Na sessão *Especiais* do portal, no entanto, verificamos que, até novembro, já foram publicadas nove reportagens multimídia em 2010.

telefone e/ou e-mail no caso de fontes que estejam fora da cidade sede do veículo, que é Recife.

Os recursos técnicos utilizados são muitos: computadores, gravadores, câmeras fotográficas, câmeras de vídeo e celulares. E dominar todas as ferramentas é fundamental para o repórter.

O repórter que produz uma reportagem multimídia também é multimídia. Além de apurar as informações, ele também é responsável por filmar, gravar áudios e também fotografar. Quando a reportagem é feita em equipe, costumamos dividir tarefas, mas todos fazem um pouco de tudo.

E todo esse conhecimento não é só importante para se poder colocar a mão na massa, é também imprescindível para se auxiliar o designer na escolha de uma boa fotografia jornalística (aquela que transmite alguma informação, além de ilustrar o conteúdo), por exemplo. Bem como, o domínio técnico contribui para uma melhor condução futura da narrativa, além, é claro, dos temas escolhidos. As entrevistadas citam dois exemplos.

*A viagem de Joanda* explorou o cotidiano dos pacientes do interior que precisam ir à capital (Recife) em busca de tratamento médico. Como o tema é bastante árido, os textos foram mais densos. Os vídeos serviram apenas como suporte, em estilo documentário. Já *A Revolução das Bicicletas* foi produzida em formato HQ (história em quadrinhos), tendo explorado bastante os vídeos para contar o dia a dia de quem utiliza a bicicleta como meio de transporte.

A reportagem multimídia *A viagem de Joanda*<sup>17</sup> possui cinco caminhos possíveis para iniciar a navegação: conhecer a posição e a ação do governo; a situação e o trabalho das casas de apoio; saber quem é Joanda e por meio dela conhecer a busca por atendimento médico vivida por muitas pessoas do interior de Pernambuco; entender o que pensam os médicos e como eles lidam com esses pacientes; e saber como os voluntários se relacionam e ajudam os viajantes. A navegação acontece através do clique na fotografia de uma das pessoas representadas na página de abertura, reproduzida na figura 07.

---

<sup>17</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/aviagemdejoanda/>





Figura 07 – Reprodução da página de abertura da reportagem multimídia *A viagem de Joanda*, publicada em 15 de julho de 2009 pelo portal *JC Online*.

A reportagem contém cerca de 12 fotos, 8 áudios, 11 mapas, 3 vídeos e 2 boxes informativos, além de muito texto, um espaço para os comentários dos usuários e um *Diário*, no qual os repórteres Inês Calado e Gustavo Belarmino colocaram suas impressões sobre todo o processo de realização da reportagem.

Já a reportagem *A Revolução das Bicicletas*<sup>18</sup> é formada por quatro menus: Home, Capítulos, Interatividade e Vídeos. O primeiro leva o usuário para a página inicial; o seguinte são as quatro partes que formam a história e a vivência do repórter com a bicicleta; no terceiro os internautas podem deixar comentários, contando suas próprias experiências e/ou votando em uma enquete; no item “vídeos” o usuário encontra 4 vídeos, além dos cerca de 19 que estão inclusos na história contada por quadrinhos. Também, há opções para informações adicionais. A figura 08 é uma página bem representativa.

<sup>18</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/bicicletas/>

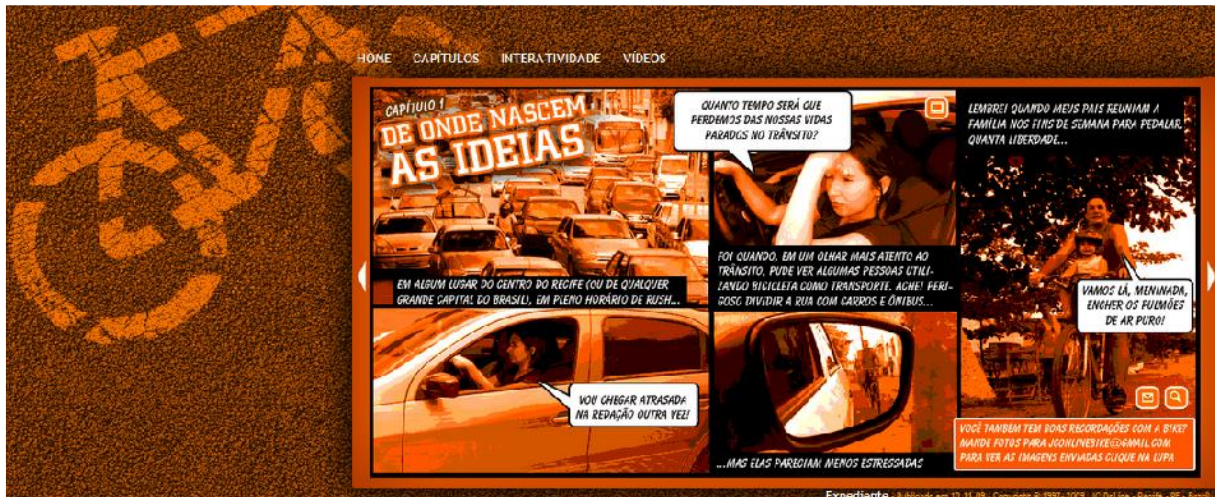


Figura 08 – Reprodução de uma página da reportagem multimídia *A Revolução das Bicicletas*, publicada em 10 de novembro de 2009 pelo portal *JC Online*.

A narrativa, segundo Julliana e Inês, é a principal diferença entre reportagem tradicional, feita pelos impressos jornais e revistas, e a reportagem multimídia. Para elas, “na *web* podemos explorar vários formatos e as ferramentas multimídias, ao contrário de outros veículos, podendo complementar a reportagem”. Outro recurso que consideram uma vantagem proporcionada pelo meio online é a interatividade. “Através de enquetes, mural e comentários nas matérias temos retorno direto do nosso ‘leitor’”.

Além disso, as jornalistas chamam a atenção para a liberdade do usuário em navegar pelo conteúdo disponibilizado na internet. Mesmo que se deseje que o usuário consuma todo o conteúdo, tem-se a consciência de que isso nem sempre acontece.

Quando pensamos em uma reportagem multimídia direcionamos o internauta de tal forma que ele tenha curiosidade em assistir aos vídeos, escutar os áudios, clicar nos infográficos. As ferramentas multimídia utilizadas são complementares ao texto, permitindo diferentes níveis de leitura. Apesar da condução feita pelo jornalista, o internauta é quem decide por onde, como e quanto tempo levará para consumir a informação oferecida, uma vez que a navegação, na maioria das vezes, é não-linear.

As características do jornalismo online são bem conhecidas pelos profissionais que desejam trabalhar nesta área. Na visão de Julliana e Inês, somente assim, poderá se ter um bom uso dessa nova mídia.

A internet oferece “n” possibilidades para a construção de novas narrativas jornalísticas. Mas é importante destacar que o uso indiscriminado das potencialidades multimidiáticas, hipertextuais e interativas da *web* pode representar uma armadilha perigosa, deixando o usuário confuso diante de tanta informação. Cabe ao webjornalista descobrir formas diferentes de contar histórias diferentes sem perder a coerência narrativa.

Outro fator relevante comentado por elas é o público. A condução da reportagem multimídia pode desenvolver caminhos diversos para receptores diferentes. Principalmente pela linguagem, constrói-se essas variabilidades.

Em geral, fazemos os especiais para os diversos públicos, mas sabemos que existem temas de maior interesse para determinado público e, por isso, direcionamos a linguagem escolhida para ele. Em *Violência velada*<sup>19</sup>, por exemplo, que abordou o abuso sexual infantil, foi produzida uma página especial voltada exclusivamente para crianças dentro da reportagem, que era direcionada ao público adulto.

Em geral, as repórteres parecem ter opiniões comuns sobre o trabalho que desempenham. No entanto, quando perguntadas sobre a reportagem que produziram que mais as tenha marcado, as respostas precisaram ser individuais. Julliana de Melo tem um carinho especial por uma reportagem multimídia.

Gostei bastante da produção e do resultado obtido em *A Revolução das Bicicletas*, devido à inovação da linguagem e narrativa, em formato HQ, com uso mais de vídeos e imagens do que textos. O retorno e participação dos internautas, que foram convidados a interferir na história em quadrinhos, com comentários e fotos, também foi maravilhoso.

Mas, ela se orgulha da reportagem sobre o trabalho infantil doméstico, *Longe da casinha de boneca*, por ter tido mais repercussão nacional e internacional.

O especial é sensível desde o momento que resolveu não utilizar nenhuma imagem de criança em situação de vulnerabilidade social e optou por ilustrar o site com uma boneca em situações reais de trabalho doméstico. Foi ganhador de importantes prêmios de jornalismo, como Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo, Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos e o Prêmio Nuevo Periodismo, criado pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez.

Na reportagem citada o tema em questão é o trabalho infantil doméstico. Os cômodos de uma casa são os menus: sala de estar, quarto, banheiro, cozinha, área de serviço, quintal. Com design diferenciado, a barra de rolagem é lateral e a personagem principal é vivida por uma boneca (representa uma menina), a reportagem contém cerca de 4 vídeos, indicações de outros endereços na internet que se relacionam ao assunto, 3 boxes informativos, mais de 40 peças de áudio, dados e informações complementares.

---

<sup>19</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/abuso/index.html>



Figura 09 – Reprodução de uma página da reportagem multimídia *Longe da casinha de boneca*, publicada em 16 de abril de 2006 pelo portal *JC Online*.

Já a vivência da repórter Inês Calado a leva a se emocionar com outra peça.

Em *A viagem de Joanda*, eu e o jornalista Gustavo Belarmino acompanhamos o drama dos pacientes que saem do interior do Estado para se tratar no Recife. Fizemos, inclusive, uma dessas viagens. Pessoas que saem de casa de madrugada, levando na bagagem algumas peças de roupas e a esperança da cura. Foi difícil entrevistar um homem no fim de seus dias e depois constatar que ele não estava vivo para ler a reportagem. Muitos pernambucanos deixam seus lares, suas famílias, em busca de tratamento em péssimas condições.

E a grande satisfação dela foi com a reportagem multimídia, em formato de livro digital, *E o verbo se fez vida*<sup>20</sup>.

Esse foi um projeto de 2007 que só saiu do papel em 2009 devido às condições técnicas do JC Online. Como era uma reportagem sobre a importância da leitura, queria fazer em formato livre e só conseguimos dominar tecnologia para isso no ano passado. Além disso, foi o primeiro projeto que fiz sozinha. Foi um grande desafio tocar todo o projeto sozinho, desde a produção até montagem do site com o designer Sidclei Sobral. Esse especial ganhou, em 2010, o Prêmio do Instituto 3M de Jornalismo e foi finalista do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo.

<sup>20</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/verbo/index.html>

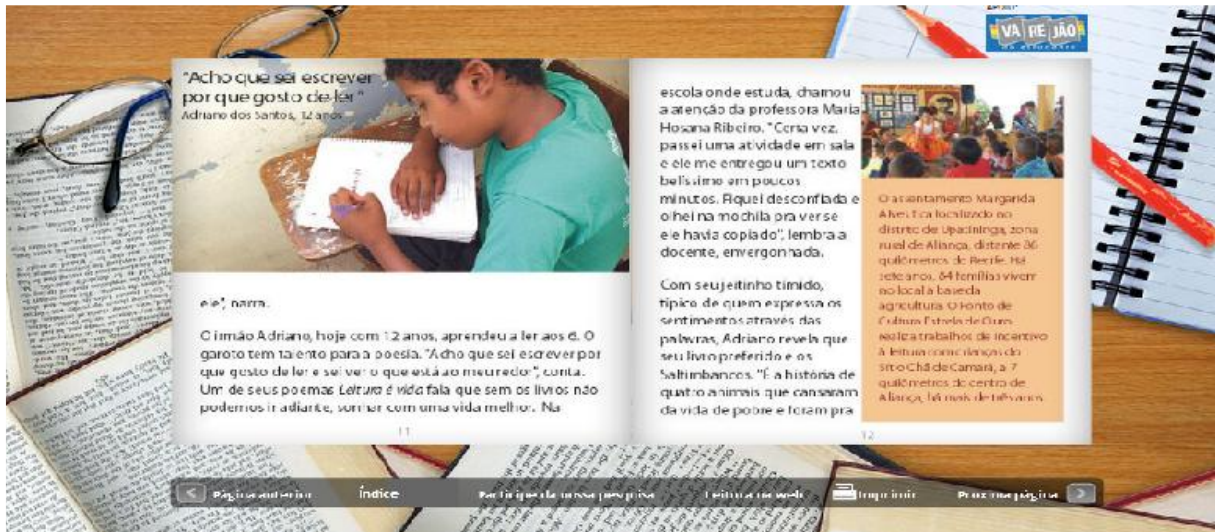


Figura 10 – Reprodução de uma página da reportagem multimídia *E o verbo se fez vida*, publicada em 26 de dezembro de 2009 pelo portal *JC Online*.

A reportagem lembrada por Inês é sobre o prazer da leitura, o encontro das crianças com os livros e histórias de pessoas que nunca tiveram a oportunidade de ler. As informações são apresentadas como se o usuário tivesse lendo um livro. Ele vai folheando as páginas e pode ver ilustrações, fotos, ler os textos e assistir aos vídeos.

Na descrição do designer responsável pelo site, Sidclei Sobral, “o resultado final [da peça] foi um livro digital, que traz relatos de pessoas que transformaram suas vidas por meio da leitura e dos livros. Os textos são intercalados com depoimentos em vídeo e áudio, de especialistas e entrevistados”. Ele falou ao site *Jornalismo Digital*<sup>21</sup>, após receber o Prêmio Vladimir Herzog 2010 (prêmio mais importante do jornalismo de direitos humanos do Brasil) na categoria multimídia, com a reportagem *E o verbo se fez vida*.

### 3.2 Análise dos dados

A partir do entendimento do conteúdo fornecido, por meio das entrevistas, pudemos perceber que existem algumas diferenças nas noções e na realização das atividades do repórter, ao comparar o profissional da década de 60 que trabalhava para uma revista com uma proposta de inovação e duas jornalistas em exercício, vivenciando e experimentando o jornalismo multimídia.

Uma primeira questão que deve ser levada em consideração é o fato de que *Realidade* realizava somente reportagens. O *JC Online*, por outro lado, desenvolve jornalismo diário e as

<sup>21</sup><http://www.jornalismodigital.org/2010/10/e-o-verbo-se-fez-vida-vencedor-do-herzog-2010-categoria-multimedia/>

grandes reportagens. Isso implica dizer que os profissionais do segundo veículo assumem diferentes funções dentro da empresa durante o tempo que trabalham para ela. Contudo, durante o período em que o repórter está realizando a reportagem multimídia, ele é afastado das tarefas diárias. Nesse sentido, se assemelha ao repórter da revista, que se dedicava, exclusivamente, à reportagem.

Outra semelhança entre o processo de produção dos veículos é que utilizam a reunião de pauta como ponto de partida para a escolha dos assuntos a serem trabalhados. Contudo, a revista realizava reuniões mais periódicas, enquanto que para se discutir as reportagens multimídia a reunião é realizada uma vez ao ano, já que é preciso dedicar mais tempo para a cobertura diária. Mesmo com a frequência diferenciada, a realização das reuniões de pauta demonstra a necessidade de se planejar antes de dar início a execução.

Identificamos a utilização do formato texto como base da exploração do conteúdo, tendo os demais elementos funcionando como complemento ao que o texto discute. Esta é a maneira mais comum, utilizada na construção da maioria das reportagens feitas pela revista e pelo portal. Todavia, é interessante notar que os meios buscam realizar produções diferentes. No caso de *Realidade* algumas reportagens são estruturadas unicamente com fotografias. Um exemplo é a reportagem *O amor mais amor* publicada na 10ª edição, em 1967. Já no *JC*, a reportagem *A Revolução das Bicicletas*, de 2009, é conduzidas por vídeos, no formato quadrinhos. É válido notar que o apelo pelo visual é estimulado e utilizado pelos dois veículos. No primeiro, a fotografia era um diferencial da época. Na atualidade, mantém-se a fotografia, mas se apresenta as imagens em movimento, aproximando, o recorte apresentado pela reportagem do real.

As temáticas que deram origem as edições de *Realidade* eram, basicamente, política, saúde, educação, ciência, cultura, religião e sexo. Esses assuntos eram abordados nas reportagens que buscavam explorar os mais variados lados possíveis, ampliando a questão. No *JC Online* existem seis editorias: educação, cultura, esportes, cotidiano, *kids* e gastronomia. As reportagens multimídia desenvolvidas são fruto de temas provenientes dessas classificações, que demandam uma produção mais extensa e a necessidade de se discutir o tema.

Para a apuração, os profissionais da revista podiam se dedicar a uma mesma pauta até que considerasse que já havia levantado as informações necessárias e conseguido construir um bom texto. E nesse processo, os repórteres buscavam informações em bibliotecas e no contato presencial com as fontes. No portal, todo o processo da construção da reportagem

(produção, prospecção do conteúdo, edição de áudios e vídeos e montagem do site) é realizado em cerca de um mês. A apuração é feita em livros, pesquisa na própria internet, no contato direto com as fontes, telefone e e-mail.

Por possuir mais formas de obter informações, o repórter do portal consegue terminar o trabalho, dispendendo pouco tempo, relativamente. Além disso, este mesmo jornalista possui mais aparatos técnicos do que um ex-funcionário de impresso possuía. Enquanto hoje em dia o repórter do *JC* faz uso de computadores, gravadores, câmeras de vídeo e de foto e celulares, o repórter de *Realidade* contava com lápis, caneta, papel e máquina de escrever.

Para os repórteres da revista, trabalhar bem o tema lhes permitia desenvolver textos únicos e próprios, já que havia liberdade de criação, que admitia que o repórter não ficasse preso a alguns “padrões” jornalísticos, como o *lead*. Os textos podiam ser em primeira pessoa, fontes se transformavam em personagens e a realidade de um cidadão era colocada como exemplo para se compreender um assunto. O importante é que o texto fosse capaz de transmitir uma gama de informações sobre a questão tratada e se fizesse entender, ao mesmo tempo em que fosse interessante para os leitores. A negação ao *lead* demonstra a compreensão de que esta técnica proporciona um entrave ao trabalho do repórter, compartilhada por autores-jornalistas como Noblat (2008) e Kotscho (2005). O que também justifica essa escolha é a não exigência de um prazo fixo para a entrega da reportagem pronta, valorizando a “inspiração” do autor do texto e a “expiração” do conteúdo de modo a reforçar a ideia de que “não existem fórmulas científicas no jornalismo, especificamente na reportagem: cada história é uma história, e merece um tratamento único” (KOTSCHO, 2005, p. 14).

No portal é diferente. A construção jornalística clássica com o texto em terceira pessoa, primando pela objetividade da transmissão de dados, é mantida. O que se vê é uma expansão das possibilidades de veicular as informações, explorando variados formatos. Vale ressaltar que a realização de *making of* ou bastidores é uma forma de amenizar esse distanciamento do profissional com o fato. Um exemplo disso, é o menu *Diário* na reportagem multimídia *A viagem de Joanda*. Nele os repórteres contam o que vivenciaram e sentiram durante a realização da reportagem.

As reportagens buscam, com a objetividade, atender a um público heterogêneo e, ainda, produzindo um material que estará arquivado, podendo ser acessado em qualquer tempo. Essa capacidade de memória exercida pela internet é uma das características destacadas por Palacios (2003), já que é o resultado do agrupamento de produções realizadas

a todo o instante, por produtores díspares, provenientes de locais diversos. É a capacidade de combinar elementos em um mesmo ambiente.

Para atender a complexidade de uma reportagem o trabalho em *Realidade* era produzido, a princípio pelo repórter (com o fotógrafo da equipe ou com fotos de agências) e podia ou não ter a contribuição de outros profissionais da redação (como o extinto copidesque – aquele que realizava a correção dos textos e tinha a função de cortá-los, caso necessário, para ocupar somente o espaço destinado a ele na página) para o fechamento do texto. Uma alteração expressiva acontece neste ponto no *JC Online*. A dupla neste veículo é formada pelo repórter e o designer.

Uma indicação de que a técnica, na atualidade, é imprescindível para uma produção jornalística considerada de qualidade é a reportagem multimídia *E o verbo se fez vida*. O desenvolvimento de um livro digital interativo indica a necessidade de apropriação e aprimoramento técnico para uma elaboração diferencial, bem como, atraente do material.

Além disso, essa característica é contrária a ideia de que os jornalistas são pessoas que possuem uma habilidade nata para o ofício. Como em qualquer outra profissão, são treinados. Nos estudos de Anabela Gradim (2003) as habilidades desejadas em um jornalista da contemporaneidade são discutidas. “Além de uma preparação técnica diversificada, para dominar pelo menos os instrumentos básicos da produção multimídia, o jornalista vai necessitar ainda de melhor preparação intelectual. Porque tudo lhe vai ser exigido” (GRADIM, 2003, p. 14).

Muitas habilidades são desejadas em um mesmo profissional, atualmente, reduzindo a quantidade de pessoas em uma redação e ampliando o número de atividades desempenhadas por uma pessoa. O que se tinha anteriormente era o profissional com função única e definida.

Em consonância com Lage (2003), a revista considerava reportagem como o trabalho que amplificava o fato em tema. Ao mesmo tempo em que o termo também era utilizado para identificar que a elaboração do conteúdo publicado havia sido realizada por um grupo de pessoas, e não uma produção isolada do repórter. A conceituação na mídia online é outra: reportagem é o conteúdo que demanda mais investimento de tempo para a concretude, exigindo atenção especial. É o caso da reportagem multimídia *Tubarão – Pernambuco em alerta*<sup>22</sup>, na qual tratar das variáveis que envolveram o fato foi mais trabalhoso do que,

---

<sup>22</sup> <http://www2.uol.com.br/JC/sites/tubarao/index.htm>



simplesmente expor o acidente. Esta reportagem retrata os cinquenta ataques de tubarões no estado e foi publicada após o quinquagésimo ataque dos animais.

As reportagens de *Realidade Nasceu!* e *Três histórias de desquite* demonstram como que, por meio de narrativas diferenciadas, é possível construir textos que indiquem quem é o autor. A originalidade era a busca constante dos repórteres desse impresso, para “fugir do mimetismo e do empobrecimento da objetividade” (FARO, 1999, p. 31). Uma estratégia utilizada pelos repórteres da revista era contar a vivência que haviam tido, colocando-se como personagem do acontecimento. Como exemplo teve a reportagem de capa da edição de maio de 1968 *Um repórter ferido na guerra do Vietnã*, na qual o repórter José Hamilton Ribeiro narra o que viu e sentiu durante a cobertura da guerra.

Por outro lado, o repórter do *JC* trabalha o conteúdo de forma impessoal, ficando clara a sua contribuição em espaços específicos, como no *menu Diário* da reportagem multimídia *A viagem de Joanda* e no “Capítulo 1” de *A Revolução das Bicicletas*, no qual a repórter explica como surgiu a ideia de tratar daquele assunto. Dados estatísticos são a base do conteúdo, dando credibilidade ao que está exposto. Na revista, porém, a credibilidade estava na humanização das informações. É o que explica Edvaldo Pereira Lima no prefácio do livro de José Salvador Faro (1999):

[texto] honesto, leal, modesto, não induz o leitor à falaciosa verdade absoluta, mas apenas propõe compartilhar o ângulo de visão privilegiado do narrador. O resultado, quando o autor faz honras ao potencial dessa vertente, é um texto cativante, múltiplo de impressões do mundo, pulsante de vida (FARO, 1999, p. 8).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saem de cena os heróis movidos pela força e pela capacidade física para a entrada do agente secreto que luta sem armas e resolve todos os problemas, contando com o seu conhecimento científico.

Se fosse para representarmos o jornalista contemporâneo por meio de um personagem de cinema ou televisão ele seria o *MacGyver*, constatação feita por Anabela Gradim (2003). Isso porque o destaque agora está em habilidades que podem ser adquiridas por qualquer um que se proponha a aprendê-las. E não mais, aquelas características que “nascem” com uns e não com outros.

O repórter multimídia, para o ser, necessita possuir conhecimentos técnicos, diferentemente do repórter tradicional, que parecia só depender de uma inspiração e um olhar diferenciado sobre os fatos. O repórter do meio online sabe fazer um pouco de tudo (escrever, filmar, fotografar) e por isso possui sempre a mão os equipamentos necessários. Dessa maneira, abarca mais funções.

Ao comparar os repórteres de *Realidade* com os do *JC Online* percebemos que os primeiros tinham maior liberdade na construção do texto, bem como tempo indeterminado para a construção textual. Podiam utilizar de técnicas literárias para dar mais vida as histórias e serem subjetivos. A expressão dos sentimentos era bem-vinda, notada pelo excesso de descrição dos acontecimentos. A vivência das situações fazia com a percepção da presença dos repórteres em suas produções fosse de fácil identificação.

Por outro lado, no portal o rigor à objetividade é almejado, mesmo com a possibilidade de inovar, tirando o texto da posição de espinha dorsal da reportagem. Não é desejável que a produção do conteúdo ultrapasse um mês, já que o mesmo repórter que cuida dos *Especiais*, isolando-se para isso, produz notícias diárias. O repórter precisa dominar o entendimento sobre a narratividade na multimídia.

O companheiro do repórter a campo também sofreu relevante modificação: do fotógrafo para o designer. É interessante notar que mesmo com a modificação do tipo de profissional, ainda assim, é aquele que atua com imagens, com o visual. O que demonstra a permanente adesão dos receptores as sensações visuais.

O conjunto da reportagem se torna mais complexo. Em *Realidade* era construída uma única possibilidade de condução da reportagem. No *JC* vários caminhos são pensados e

amarrados entre si, formando uma única narrativa. Os receptores têm a possibilidade de produzirem informações, contribuindo com a construção da reportagem multimídia.

A reportagem, coração do trabalho do repórter, passou de produção essencial (na revista) para incipiente (na internet), sem uma periodicidade de publicação, devido a grande quantidade de recursos envolvidos na produção de elementos diferentes. Entretanto, a sua realização permite o *feedback* imediato do usuário e admite que este escolha sua maneira (ordem) de consumir as informações. Em *Realidade*, o público fidelizado podia procurar pela edição a cada mês, por simpatizar com as leituras propostas. Na internet, o *JC Online* preocupa-se em publicar, todos os anos, novas reportagens multimídia. Mas, sem uma periodicidade definida.

Ainda que eventual, a reportagem multimídia pode ser vista como uma resistência ao cenário descrito por Marcondes Filho e ser considerada uma nova versão do modelo de reportagem da revista *Realidade*, pelas mais variadas possibilidades de condução da narrativa. É a tecnologia sendo utilizada para o desenvolvimento de reportagens por uma nova roupagem (multimídia e hipertextual) e para um novo veículo de comunicação.

Logo, o repórter passa de conhecedor de assuntos diversos e emissor de informações para técnico e mediador de conteúdo. E a reportagem deixa de ter um espaço constante para assumir uma atemporalidade.

A realização deste trabalho teve limitações que devem ser consideradas. Comparar dois veículos de duas épocas diferentes não nos permitiu generalizar os resultados; a maneira como os dois veículos se organizam para a produção jornalística é bem diferente; e a dificuldade de encontrar mais entrevistados, principalmente da revista impossibilitou a presença de mais vozes para enriquecer o debate.

Para novas pesquisas sugerimos que se realize o estudo comparativo de outros veículos para que se perceba se as conclusões encontradas neste trabalho se confirmam. Além disso, indicamos a realização de um futuro estudo sobre as possíveis modificações no trabalho do repórter no jornalismo diário, com a produção de notícias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 45-57, set. 2005.

ASSIS, Cíntia Carvalho de. Modernizando a Imprensa no Brasil. **Resenhas – ECO-PÓS**. Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 70-73, 2002.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: as técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

CAMARGOS, Isadora Braga. Qualquer coisa de intermédio: a construção do jornalista como sujeito enunciativo complexo no contrato de comunicação da reportagem. 2005. **Dissertação** (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Belo Horizonte, 2005.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na sociedade em rede**: filtros, vitrines, notícias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 528 p.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 1990. (Novas buscas em comunicação; v. 38).

FARO, J.S. **Revista Realidade, 1966-1968**: tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ed. da ULBRA / AGE, 1999. 285p.

GRADIM, Anabela. O jornalista multimédia do século XXI. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (orgs.). **Jornalismo Online**: informação e comunicação online. Covilhã, Portugal: 2003, p. 117-134.

JUNIOR, Liráucio Girardi. A reportagem como experiência etnográfica. In: **Anuário de Jornalismo** – Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: IPSIS Gráfica e Editora, 2000, p. 199-212.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

LODI, João Bosco. **A entrevista**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 2009,

Curitiba. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba, 2009, 13 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação e jornalismo. **A saga dos cães perdidos**. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Comunicação).

MORAES, Leticia Nunes de. **Cartas ao Editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007 – (Coleção história social. Série teses).

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 174p. (Coleção Comunicação).

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003, 17 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

REALIDADE. São Paulo, SP: Editora Abril, 2010 – Edição Especial Realidade ed. 3 (ISSN 1516-7801) / Suplemento.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 1950. In: FRANÇA, Vera *et al.* **Estudos de Comunicação**. Livro do XI Compós. 2003. Porto Alegre: Sulinas, 2003, 12 p.

RIBAS, Beatriz. A Narrativa Webjornalística: um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço. 2005. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) - Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (Faculdade de Comunicação), Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_. Infografia Multimídia: um modelo narrativo para o webjornalismo. In: V CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EN INTERNET, 2004, Salvador. **Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet**. Salvador, 2004. 16 p.

ROCHA, Jorge; RIBEIRO, Ana Elisa. Hipermídia e processos editoriais de produção da reportagem: o caso da “Crônica de uma catástrofe ambiental. In: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 2009, Belo Horizonte. **Anais do III Encontro Nacional sobre Hipertexto**. Belo Horizonte: 2009, 10p.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. Belo horizonte: Autêntica, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Comunicação).

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993. (Novas buscas em Comunicação; v. 43).

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## ANEXOS

### 1. Roteiro das entrevistas

#### *JC Online*

- **1º Bloco**

- O que o JC Online classifica como reportagem multimídia? Quais são as características destas produções?
- Quantos profissionais se envolvem na produção das reportagens multimídia? Os profissionais são de quais áreas? (jornalistas, designer...)?
- Existe algum tipo de orientação quanto ao estilo do texto para a reportagem multimídia?
- As reportagens multimídia são feitas para serem consumidas por completo? A navegação é pensada para permitir diferentes níveis de leitura?
- Quais são as diferenças da “reportagem tradicional”, feita por revistas e jornais, para a reportagem multimídia?
- Como são pensadas as pautas para os “JC Especiais”?
- Quanto tempo, em média, é destinado para a elaboração da reportagem multimídia?
- Neste período, o(s) repórter(es) fica(m) exclusivamente por conta de produzir o material para a reportagem?
- Como se dá a apuração das informações? (contato direto com as fontes, telefone, internet, livros...)
- Quais são os recursos utilizados para a produção da reportagem?
- Quais são as etapas de “montagem” da reportagem multimídia?

- **2º Bloco**

- Desde quando o portal produz os “JC Especiais”?
- Em qual periodicidade as reportagens multimídia são publicadas?
- Os profissionais envolvidos na produção do “JC Especiais” também possuem outras funções no portal?
- Qual é o público-alvo do “JC Especiais”?

- Qual é a reportagem multimídia que você fez que mais te marcou no JC Online?
- Qual das reportagens multimídias feitas por você para o JC Online mais te orgulha?
- Quais são as possibilidades que a multimídia pode oferecer ao repórter na criação de uma reportagem para o meio online?

### ***Revista Realidade***

#### **• 1º Bloco**

- O que era considerado reportagem pela revista?
- A equipe de uma reportagem era formada por um repórter e um fotógrafo? Que outros profissionais da redação colaboravam na elaboração das reportagens?
- Qual era a característica predominante nos textos? Quais as influências?
- Existia algum tipo de orientação quanto ao estilo do texto das reportagens?
- Como se dava a escolha das pautas?
- Quantas pautas, em média, cada repórter era responsável por edição?
- Qual era o tempo destinado a produção de cada reportagem?
- Como era realizada a apuração? (repórter a campo, telefone, pesquisa em livros...)
- Como as fontes eram selecionadas?
- Quais eram os recursos utilizados para a produção da reportagem? (máquina de escrever, gravador...)

#### **• 2º Bloco**

- Qual era a linha editorial da revista?
- Qual era o público-alvo de Realidade?
- Por quanto tempo você trabalhou em Realidade?
- Qual é a reportagem que você fez que mais te marcou em Realidade?
- Qual das reportagens feitas por você para Realidade mais te orgulha?
- As grandes reportagens, como as realizadas por Realidade, são agora feitas também na plataforma online. Você considera que essa mídia pode representar a continuidade do que a revista iniciou? Como exemplo, indico o JC Online com os Especiais - <http://jc.uol.com.br/grupo/especiais/index.php>



## 2. Roteiro dos critérios de análise

- **Texto: como a narrativa foi construída**

- Tempo destinado para a apuração e elaboração da reportagem;
- Recursos utilizados para a realização da reportagem;
- Como é feita a escolha das fontes; quantidade de fonte presente na reportagem; qual é o espaço destinado às falas das fontes;
- Como se dá o levantamento das informações (pessoalmente, telefone, internet, livros...);
- Presença de dados (estatísticas);

- **Repórter: como ele aparece na reportagem**

- Envolvimento do repórter com a reportagem;
- Como o repórter se mostra na reportagem
- Quantidade de reportagens que repórter se dedica por vez;

- **Estrutura da reportagem: como ela está organizada**

- Quantidade de pessoas que participam da produção da reportagem;
- Características da reportagem;
- Texto escrito em primeira ou terceira pessoa;
- Espaço que a reportagem ocupa na edição;
- Relevância da produção textual na reportagem;
- Elementos que compõe a reportagem (fotos, vídeos, áudios, gráficos, infográficos, ilustrações, boxes...)
- Predominância da narração, descrição ou dissertação;
- Tipo de lead utilizado;
- Formato: participação do receptor na reportagem

### 3. Íntegra das entrevistas

#### 3.1 José Carlos Marão

- **O que era considerado reportagem pela revista?**

Uma reportagem é uma reportagem. Mudou? É a coleta de dados e informações que serão transmitidas ao público por algum meio, seja rádio, tv, internet ou papel impresso. No caso de Realidade, as reportagens eram transmitidas por texto muito elaborados pelos próprios autores.

- **A equipe de uma reportagem era formada por um repórter e um fotógrafo? Que outros profissionais da redação colaboravam na elaboração das reportagens?**

Um repórter e um fotógrafo, quase sempre. Às vezes, só o repórter. O material visual poderia ser encomendado pela redação para um ilustrador, por exemplo, mas que não participava do trabalho de campo.

- **Qual era a característica predominante nos textos? Quais as influências?**

Eram as características pessoais de cada um. Realidade, na definição de seu redator-chefe, Paulo Patarra, era uma revista de autores.

- **Existia algum tipo de orientação quanto ao estilo do texto das reportagens?**

Tinha que ser bom, completo. Tinha que comunicar.

- **Como se dava a escolha das pautas?**

Havia reuniões de pauta, livres. Depois, redator-chefe e diretor faziam uma triagem e distribuía para os repórteres.

- **Quantas pautas, em média, cada repórter era responsável por edição?**

Era variável. Houve casos de um repórter ficar mais de dois meses com uma matéria.

- **Qual era o tempo destinado a produção de cada reportagem?**

O tempo necessário para que o trabalho de pesquisa e texto fosse bem feito. Muito variável.

• **Como era realizada a apuração? (repórter a campo, telefone, pesquisa em livros...)**

Telefones não funcionavam. No meu caso, pelo menos, toda matéria era precedida de uma pesquisa na Biblioteca Municipal. Só depois eu saía a campo.

• **Como as fontes eram selecionadas?**

É esquisito falar em fontes. Se você ler a revista, pelo menos em sua primeira fase, havia personagens, mais que fontes. Os personagens eram os personagens daquele tema.

• **Quais eram os recursos utilizados para a produção da reportagem? (máquina de escrever, gravador...)**

Inteligência, papel, lápis e máquina de escrever.

“Bom, é muito difícil falar de Realidade sem situar a revista em dois contextos: Primeiro, o contexto sócio-político da época; e, segundo, o contexto da imprensa na época. Realidade foi um fenômeno editorial e jornalístico naquele contexto histórico.

Então, você pergunta sobre público alvo. Não sei se a empresa, naquela época, definia um determinado público e tentava chegar a ele. Se houve isso, não deu certo. Eu diria que o público escolheu Realidade e não o contrário. Então, público alvo era aquele grupo de leitores que comprou os primeiros números. Se tinham curso superior ou não, se eram jovens ou velhos, homens ou mulheres, não sei. Mas eram fiéis.

Você pergunta sobre linha editorial. O que é isso exatamente? Linha política? Ou linha profissional? Profissionalmente, era uma revista mensal. Portanto, não podia lidar com fatos e atualidades, mas com tendências. Acredito que nunca houve uma linha editorial explícita”.

**Obs.:** O texto cedido pelo jornalista José Carlos Marão não pode ser publicado como anexo do trabalho. O autor permitiu, somente, o uso de alguns trechos como fala dele.

### 3.2 Julliana de Melo e Inês Calado

- **O que o JC Online classifica como reportagem multimídia? Quais são as características destas produções?**

Classificamos como "reportagem multimídia" as produções do JC Online que demandam mais tempo de produção e, além do texto, tentam utilizar todas as ferramentas multimídias que a internet permite como vídeos, áudios, infográficos, galerias de fotos, além de interatividade. Essas produções são feitas de acordo com um calendário acertado no início do ano. Como cada repórter é responsável por um canal (educação, cultura, esportes, cotidiano, kids e gastronomia), o ideal é que sejam produzidas reportagens que contemplem essas temas. Essas reportagens demandam cerca de um mês entre produção, conteúdo, edição de vídeos e áudios e montagem do site. Podem ser individuais ou em equipe.

- **Quantos profissionais se envolvem na produção das reportagens multimídia? Os profissionais são de quais áreas? (jornalistas, designer...)?**

Não existe uma regra para a produção de reportagens multimídias. Temos exemplos de produções envolvendo toda a equipe do JC Online, individuais e em duplas. Cada reportagem terá, pelo menos, um jornalista e um designer envolvido.

- **Existe algum tipo de orientação quanto ao estilo do texto para a reportagem multimídia?**

Os temas escolhidos vão encaminhar o estilo da narrativa. Em 2009, temos dois exemplos de reportagens construídas de forma bem diferente. A Viagem de Joanda explorou o cotidiano dos pacientes do interior que precisam ir à capital (Recife) em busca de tratamento médico. Como o tema é bastante árido, os textos foram mais densos. Os vídeos serviram apenas como suporte, em estilo documentário. Já A Revolução das Bicicletas foi produzido em formato HQ (história em quadrinhos), tendo explorado bastante os vídeos para contar o dia a dia de quem utiliza a bicicleta como meio de transporte.

- **As reportagens multimídia são feitas para serem consumidas por completo? A navegação é pensada para permitir diferentes níveis de leitura?**

Sim. Quando pensamos em uma reportagem multimídia direcionamos o internauta de tal forma que ele tenha curiosidade em assistir aos vídeos, escutar os áudios, clicar nos infográficos. As ferramentas multimídia utilizadas são complementares ao texto, permitindo diferentes níveis de leitura. Apesar da condução feita pelo jornalista, o internauta é quem decide por onde, como e quanto tempo levará para consumir a informação oferecida, uma vez que a navegação, na maioria das vezes, é não-linear.

- **Quais são as diferenças da "reportagem tradicional", feita por revistas e jornais, para a reportagem multimídia?**

A principal diferença é a narrativa utilizada. Na web podemos explorar vários formatos e as ferramentas multimídias, ao contrário de outros veículos, podem complementar a reportagem. Outro recurso muito importante, característico do jornalismo online, é a interatividade. Através de enquetes, mural e comentários nas matérias temos retorno direto do nosso "leitor".

- **Como são pensadas as pautas para os "JC Especiais"?**

Como falamos no início, as reportagens são pensadas no início do ano e o ideal é que todos os repórteres produzam pelo menos uma reportagem multimídia. Algumas reportagens podem surgir no decorrer do ano, de acordo com algum tema específico. Temos como exemplo a reportagem multimídia "Pernambuco em alerta", produzida a partir do 50º ataque de tubarão no Estado e que envolveu toda a equipe do portal.

- **Quanto tempo, em média, é destinado para a elaboração da reportagem multimídia?**

Cada reportagem multimídia demanda um tempo diferente, vai depender da profundidade do assunto. No entanto, geralmente trabalhamos com o tempo mínimo de um mês para as produções.

• **Neste período, o(s) repórter(es) fica(m) exclusivamente por conta de produzir o material para a reportagem?**

Normalmente sim, porém, como a equipe do JC Online é pequena (oito profissionais, sendo cinco repórteres e três editores) às vezes o repórter precisa dar um tempo na produção para cumprir uma outra pauta.

• **Como se dá a apuração das informações? (contato direto com as fontes, telefone, internet, livros...)**

Inicialmente a partir de pesquisas em livros e na própria internet. Em reportagens multimídia, normalmente preferimos fazer entrevistas pessoalmente com personagens, órgãos do governo, organizações não governamentais etc. No caso de fontes fora do Recife, utilizamos e-mail ou telefone.

• **Quais são os recursos utilizados para a produção da reportagem?**

O repórter que produz uma reportagem multimídia também é multimídia. Além de apurar as informações, ele também é responsável por filmar, gravar áudios e também fotografar. Quando a reportagem é feita em equipe, costumamos dividir tarefas, mas todos fazem um pouco de tudo. Os recursos utilizados são computadores, gravadores, câmeras fotográficas, câmeras de vídeo e celulares.

• **Quais são as etapas de "montagem" da reportagem multimídia?**

Uma reportagem multimídia envolve, antes de tudo, trabalho em equipe. Desde o começo da apuração, repórter e designer trabalham juntos. O repórter tem a missão de passar para o designer todas as informações necessárias para compor o projeto. Muitas vezes o designer também acompanha o repórter na apuração das matérias. Depois de todo o material coletado, é hora de produzir os textos e editar vídeos e áudios. A montagem do site é feita pelo designer com ajuda do repórter.

• **Desde quando o portal produz os “JC Especiais”?**

A primeira reportagem multimídia, dentro do formato hoje conhecido, foi o site "Luta pela Terra", realizado em 2004 sobre a atuação dos movimentos de trabalhadores sem terra em

Pernambuco. Antes disso, os especiais eram mais temáticos, relacionados a datas como Carnaval, Semana Santa, São João, etc...

- **Em qual periodicidade as reportagens multimídia são publicadas?**

Como foi dito anteriormente, os especiais são planejados uma vez ao ano, mas publicados ao longo do mesmo ano. Não existe uma periodicidade. Este ano, por exemplo, devido a dois grande eventos que demandou mais esforço e dedicação da nossa equipe - Copa e Eleições - apenas seis reportagens multimídias foram produzidas.

- **Os profissionais envolvidos na produção do “JC Especiais” também possuem outras funções no portal?**

Não existe o cargo de repórter especial no JC Online. Sendo assim, os repórteres dos canais e também os editores fazem reportagens multimídias. Geralmente, quem está na produção de especiais, é afastado temporariamente das funções cotidianas.

- **Qual é o público-alvo do “JC Especiais”?**

Em geral, fazemos os especiais para os diversos públicos, mas sabemos que existem temas de maior interesse para determinado público e, por isso, direcionamos a linguagem escolhida para ele. Em Violência Velada, por exemplo, que abordou o abuso sexual infantil, foi produzida uma página especial voltada exclusivamente para crianças dentro da reportagem, que era direcionada ao público adulto.

- **Qual é a reportagem multimídia que você fez que mais te marcou no JC Online?**

**Julliana de Melo** - Gostei bastante da produção e do resultado obtido em A Revolução da Bicicletas, devido à inovação da linguagem e narrativa, em formato HQ, com uso mais de vídeos e imagens do que textos. O retorno e participação dos internautas, que foram convidados a interferir na história em quadrinhos, com comentários e fotos, também foi maravilhoso. Como foi prometido, a reportagem ainda teve continuação este ano, com a produção de uma matéria - também em formato HQ - com os candidatos ao governo e à presidência falando sobre o tema mobilidade urbana.

**Inês Calado** - Sem dúvida, A viagem de Joanda, uma reportagem profunda, que mexeu muito comigo emocionalmente. Em A viagem de Joanda, eu e o jornalista Gustavo Belarmino

acompanhamos o drama dos pacientes que saem do interior do Estado para se tratar no Recife. Fizemos, inclusive, uma dessas viagens. Pessoas que saem de casa de madrugada, levando na bagagem algumas peças de roupas e a esperança da cura. Foi difícil entrevistar um homem no fim de seus dias e depois constatar que ele não estava vivo para ler a reportagem. Muitos pernambucanos deixam seus lares, suas famílias, em busca de tratamento em péssimas condições.

• **Qual das reportagens multimídias feitas por você para o JC Online mais te orgulha?**

**Julliana de Melo** - Guardo um carinho especial por todas as reportagens realizadas, mas a que teve mais repercussão nacional e internacional e, por isso, me orgulha mais é Longe da Casinha de Boneca, sobre o trabalho infantil doméstico. O especial é sensível desde o momento que resolveu não utilizar nenhuma imagem de criança em situação de vulnerabilidade social e optou por ilustrar o site com uma boneca em situações reais de trabalho doméstico. Foi ganhador de importantes prêmios de jornalismo, como Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo, Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos e o Prêmio Nuevo Periodismo, criado pelo escritor colombiano Gabriel García Márquez.

**Inês Calado** - O livro digital E o verbo se fez vida. Esse foi um projeto de 2007 que só saiu do papel em 2009 devido às condições técnicas do JC Online. Como era uma reportagem sobre a importância da leitura, queria fazer em formato livre e só conseguimos dominar tecnologia para isso no ano passado. Além disso, foi o primeiro projeto que fiz sozinha. Foi um grande desafio tocar todo o projeto sozinha, desde a produção até montagem do site com o designer Sidclei Sobral. Esse especial ganhou, em 2010, o Prêmio do Instituto 3M de Jornalismo e foi finalista do Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo.

• **Quais são as possibilidades que a multimídia pode oferecer ao repórter na criação de uma reportagem para o meio online?**

A internet oferece "n" possibilidades para a construção de novas narrativas jornalísticas. Mas é importante destacar que o uso indiscriminado das potencialidades multimidiáticas, hipertextuais e interativas da web podem representar uma armadilha perigosa, deixando o usuário confuso diante de tanta informação. Cabe ao webjornalista descobrir formas diferentes de contar histórias diferentes sem perder a coerência narrativa.